



**“PODE UM HOMEM
CULTO DE NOSSOS
DIAS CRER, CRER
REALMENTE, NA DIVINDADE
DO FILHO DE DEUS,
JESUS CRISTO?”**

Exercícios dos universitários
de Comunhão e Libertação

RÍMINI, DEZEMBRO DE 2009

PASSOS

**“PODE UM HOMEM CULTO
DE NOSSOS DIAS CRER,
CRER REALMENTE,
NA DIVINDADE DO FILHO DE DEUS,
JESUS CRISTO?”**

Exercícios dos universitários
de Comunhão e Libertação

R Í M I N I , D E Z E M B R O D E 2 0 0 9

PASSOS

4 de dezembro, sexta-feira

Por menor que seja a consciência que cada um de nós tem agora, será difícil que não se sinta realmente necessitado, carente, desejoso; não foi para menos que fizemos este esforço de vir de longe para estar aqui. Esse desejo que nos moveu, que nos trouxe até aqui, é aquilo que agora se transforma num grito. Por que um grito? Porque todas as tentativas que fizemos para responder a essa necessidade são insuficientes. Precisamos de Alguém maior, que nos doe essa plenitude que todas as nossas tentativas não nos conseguem dar. Essa é a maior inteligência do homem. É preciso que sejamos estupidamente presunçosos para não reconhecer essa evidência mais elementar que temos. Por isso, nós, como homens, conscientes do que somos, da necessidade que encontramos em nós mesmos, com toda a nossa inteligência, com toda a nossa consciência, nada podemos fazer senão gritar, gritar ao Espírito, à energia do Mistério, a fim de que nos possa dar o que nós não somos capazes de conceder a nós mesmos.

Ó vinde, Espírito Criador

Meus cumprimentos a cada um de vocês, que vieram da Áustria, da Bélgica, da França, da Alemanha, da Irlanda, da Holanda, do Peru, de Portugal, da Espanha, da Suíça, da Turquia, de Uganda e da Itália.

A partir de todas as contribuições escritas que vocês nos enviaram para este momento de trabalho dos Exercícios, pudemos deduzir com clareza qual é a situação em que somos chamados a viver a vida. É particularmente bonito, como veremos agora, que as perguntas que nascem na vida de vocês brotem do fato de vocês estarem mergulhados na realidade, nas circunstâncias, no ambiente. É da vida que nascem as perguntas, é a vida que urge dentro das circunstâncias. Com isso, justamente porque vocês não estão fora do ambiente, da realidade, nós nos damos conta ainda mais do tipo de dramaticidade que caracteriza o momento histórico que estamos vivendo; percebemos ainda mais que tipo de confusão reina por toda parte (como dizíamos em agosto), e que dificuldades enfrentamos para que o caminho se torne claro. Muitos de

vocês sentem a necessidade urgente de uma certeza para viver, de uma clareza sobre o caminho. E eu me lembro sempre daquela passagem do *Fédon*, de Platão, lida por nós em muitas ocasiões, que descreve o nosso drama: ante a dificuldade de viver, como todo o mundo, desejamos atravessar a vida (o pélogo, na imagem que ele usa para representar a vida) num meio de transporte seguro, para não perdê-la.

O momento em que estamos inseridos é de uma mudança tal, que marca uma era. Não nascemos numa circunstância histórica em que, digamos, exista uma tradição que seja transmitida quase mecanicamente. Vemo-nos diante de uma mudança que nos obriga a escolher, a dar as razões pelas quais optamos por uma coisa em vez de outra. Já não existe a possibilidade de subir numa esteira rolante, para sermos conduzidos mecanicamente. Essa esteira rolante já não existe, como podia existir no passado, quando uma pessoa, pelo fato de nascer em determinado ambiente, em determinado país, tinha uma espécie de facilitação. Para vivermos hoje, sem ser arrastados pela torrente da confusão, o eu é mais necessário do que nunca, e cada um de nós pode ver isso.

Sharon me escreve: “Acabo de iniciar a especialização na Universidade San Raffaele, depois de ter feito a graduação na Milão-Bicocca; e tudo o que me parecia consolidado e quase óbvio vem-se mostrando com uma exigência prepotente de ser justificado. O relacionamento com os colegas de curso, o grêmio estudantil, o Banco de Alimentos, a distribuição dos vários panfletos; vivendo essa realidade, tenho encontrado em mim mesmo, inesperadamente, o método a que temos sido educados neste período: o juízo. Cada momento é uma oportunidade inadiável para me perguntar por que e para descobrir o que existe no fim de tudo isso, ou seja, o que me move. Não me basta ficar ali, na fila, e eu começo a fazer todas as perguntas possíveis, desde a razão pela qual quero chegar cedo à universidade, quando estou esperando o ônibus de manhã, até a própria pergunta ‘quem sou eu?’” Como é necessário – podemos ver isso muito bem dentro da nossa experiência – o trabalho em que estamos insistindo nos últimos tempos, desde agosto!

Diz Michele: “Minha primeira reação, depois do encontro de responsáveis dos universitários, foi uma dificuldade para aceitar que o ingrediente que nos falta é a experiência. Fiquei impressionado com a decisão de enfrentar, na raiz, a confusão e o tédio do presente, mas o remédio que nos foi apresentado, a experiência, me pareceu amargo de-

mais, quase exagerado. No início das aulas na universidade, a acolhida dos calouros, as provas, a mudança de apartamento, a sentença sobre o crucifixo¹, os ataques à Cusl² me ajudaram a entender que o trabalho que o Carrón nos leva a fazer não é um discurso novo que nós temos de aprender, mas a possibilidade real de uma virada. Eu não fui educado a não parar na superfície, a dar voz às perguntas persistentes que moram no coração e se agitam a cada impacto com a realidade: ‘Por quê?’, ‘Isto me basta?’, ‘Quem é que faz esta realidade?’ A percepção do Mistério, assim, tem-se tornado mais frequente no meu dia a dia, e introduziu um fôlego novo”. “Pois, sem juízo, a nossa vida parece guiada pela sorte”, como diz Andrea, com seus amigos de Perúgia.

Logo, é a própria realidade que nos obriga. Carlo nos põe diante desse cenário: “Nos meses de setembro e outubro, multiplicaram-se as banquinhas para os calouros na entrada da secretaria da universidade; além da nossa, apareceram também a da juventude leninista, a de um grupinho de jovens ex-toxicodependentes arrecadando dinheiro para alguns canis de Milão, a de um pessoal que propunha um curso de memorização rápida e, enfim, a dos homossexuais. Uma verdadeira feira. É impossível viver na universidade, fazer a banquinha, estudar, encontrar as pessoas, frequentar as aulas sem ter um ponto de referência firme, sem julgar o que acontece. Diante de tudo isso, eu me dei conta, como nunca antes me havia acontecido, da exigência de verdade e de significado que todos na universidade exprimem. E eu sempre me pergunto como é que eu respondo a isso. Do que é que as pessoas realmente precisam?”

Não é que a pessoa banca a intelectual; é a vida, é a vida que urge, e diante dessa vida que urge já não nos basta ficar repetindo as coisas como papagaios, como diz Maria Piera, de Áquila: “Quando houve o terremoto, tudo ruiu para mim, e eu me dei conta de que as coisas que eu achava que havia entendido não eram minhas, de jeito nenhum; eram coisas que eu repetia feito um papagaio. A teoria estava ali, mas eu não sabia dar nem um exemplo sequer a partir da minha experiência, e

1 Referência ao entendimento do Tribunal Europeu de Direitos Humanos, em sentença proferida no início de novembro de 2009, de que a presença de crucifixos em escolas públicas italianas fere as liberdades de religião e de educação definidas pela União Europeia.

2 Em novembro, uma livraria da Cusl (Cooperativa Universitária de Estudo e Trabalho, na sigla em italiano) foi vítima de violência cometida por um grupo anarquista na Universidade Estatal de Milão.

tive a impressão de que havia jogado fora anos de Movimento”. Estar no Movimento dessa forma não nos interessa.

O episódio dos crucifixos trouxe essas coisas à tona em muitas outras pessoas, com maior clareza, como nos conta Luca, de Roma: “No dia da sentença da Corte Europeia, eu estava em casa gripado, e por isso tive bastante tempo para ver um monte de noticiários na televisão, para ouvir comentários dos políticos e até discussões em programas de entrevista; pude acompanhar essa notícia em todos os jornais na internet, tive tempo suficiente para ler os artigos dos maiores jornalistas. Eu queria aproveitar a grande quantidade de tempo que eu tinha à disposição para esmiuçar essa questão e chegar a um juízo verdadeiro. A primeira coisa de que me dei conta é que esse juízo não crescia em clareza e profundidade proporcionalmente ao número de artigos que eu lia, às horas de telejornal a que eu assistia. À noite, quando meu irmão voltou para casa e me perguntou: ‘Luca, o que você acha dessa questão do crucifixo? O que você pensa de tudo isso?’, eu não sabia dizer nada. Tinha bebido de todas as fontes, mas sem fazer nenhum movimento meu. Só sabia repetir mecanicamente os comentários dos outros, mas isso me deixava um sentimento de profunda insuficiência, e eu tinha a impressão de que nunca chegava à resposta à pergunta que me atormentava, diante da redução do crucifixo a mero sinal da nossa tradição, da nossa identidade, que não ofende ninguém. Era como se nunca chegasse ao nó da questão, à pergunta decisiva: por que vale a pena ter um crucifixo? E, portanto: o que representa para mim esse Homem pregado na cruz? Mas essa é uma pergunta que eu posso carregar comigo todos os dias, sem ter pressa de tirar do bolso do colete a resposta correta. Em seguida, veio a surpresa do nosso panfleto”. Ou vejam o que diz Michele: “O desafio lançado pelo panfleto, com a pergunta que faz no final [a mesma que escolhemos como título para estes Exercícios], soa como uma bofetada, que não dá para ignorar, na minha maneira normal de viver, num período em que a minha vida, na universidade e na família, no cotidiano, parece mais distante e desligada da pretensão que Cristo tem sobre a vida. O fato de um pedaço de papel me perguntar explicitamente se eu, Michele, posso acreditar, acreditar mesmo, na divindade do Filho de Deus não era óbvio; aliás, eu poderia ter continuado distante como sempre e ter vivido a minha vida como se Cristo não tivesse nenhuma incidência sobre ela. Mas apareceu essa pergunta e feriu o meu comportamento distante, abriu espaço no meu coração e na

minha razão, pois eu percebi o quanto uma pessoa pode distrair seu coração, mas não enganá-lo. Não dá para arrancar essas exigências elementares, a respeito das quais comecei a trabalhar tanto este ano, nos encontros que fazemos com os calouros, embora eu esteja no segundo ano. E esse pedaço de papel – o panfleto – desmontou efetivamente a minha presunção. Por que eu deveria me questionar sobre o fato de Cristo? Afinal, eu sou de CL, já sei que Ele existe, e isso é suficiente. Mas não. Foi justamente nessa maneira de achar óbvio que tudo isso já me é suficiente que acabou por se revelar como sou pouco apegado a Cristo, e isso porque, à medida que o tempo ia passando, Cristo continuava a existir, mas, estando ou não estando presente, nada mudava na minha vida”. Ou então ouçam o que diz o pessoal do campus universitário de Bovisa: “Depois de distribuir o panfleto sobre a sentença da Corte Europeia a respeito dos crucifixos, nós nos encontramos para contar as impressões que tivemos durante esse trabalho. Se as primeiras linhas do panfleto apresentam o problema do ponto de vista social, dando o percentual de italianos que se escandalizaram com a sentença, a partir do segundo parágrafo o desafio é levado à esfera pessoal. ‘E vocês, quem dizem que eu sou?’ Essa pergunta quebrou qualquer possibilidade de enfrentar o problema me posicionando fora dele, como um espectador inteligente e bem resolvido. Para muitos de nós seria preferível defender o crucifixo sem se comprometer com Cristo; em outras palavras, gostaríamos de defender nossos interesses como cristãos, mas sem tocar na questão que é decisiva para nós: Cristo é um Homem vivo. Poderíamos ter-nos juntado comodamente à facção mais numerosa, em defesa da cultura ocidental, mas, em vez disso, nos propuseram que nos comprometêssemos, a ponto de dizer quem somos. Ou seja, a ponto de expressar o que temos de mais caro na vida, de dizer quem é Cristo para nós”.

Se não levarmos a sério todas essas perguntas, qualquer juvenzinho que chega nos deixará numa situação embaraçosa, como Matilde descreve: “Na última vez que fui à caritativa, há algumas semanas, ajudei um jovem árabe a estudar a relação da Revolução Francesa com a Itália. A certa altura, esse garoto me perguntou se o Papa era o nosso Deus. Eu me vi numa situação estranha: tinha de explicar a minha religião desde o princípio. Tentei falar da vida de Jesus, até chegar a explicar a Eucaristia; nunca foi tão difícil expor uma questão; e, enquanto falava, tinha vontade de me calar, pois começava a ficar em dúvida, pensando que aquilo talvez não fosse verdade ou que

eu estivesse dizendo coisas absurdas, e essa dúvida ia sendo instigada pelas perguntas do rapaz, que era insistente: ‘Como assim, Cristo desceu ao inferno? Como é que você me garante que não foram os apóstolos que inventaram tudo? Por que eles o seguiram? Como é que um pedaço de pão pode se transformar em carne?’”

Isso, amigos, introduz o que Guido escreve, com o pessoal da Milão-Bicocca: “A pergunta que foi usada como título dos Exercícios Espirituais tem-se tornado nos últimos tempos menos retórica, cada vez menos retórica. O trabalho que fizemos nos últimos meses na Escola de Comunidade, a volta às aulas na universidade nos estão ajudando a entender que a fé, e as suas consequências, não é uma coisa óbvia ou garantida para nós, pelo fato de pertencermos a CL. Isso vai ficando claro para nós quando nos vemos em ação nas circunstâncias de todos os dias, quando muitas vezes nos pegamos agindo outra vez como todo o mundo, diante das provocações pessoais, como o estudo, os relacionamentos, a presença na universidade, ou diante de coisas que dizem respeito a todo o nosso povo, como a sentença sobre os crucifixos. Temos a impressão de que a origem dessa falta de originalidade está na nossa pouca afeição ao juízo, na nossa falta de hábito à comparação cerrada entre o que acontece bem debaixo dos nossos olhos e as exigências que nos constituem. Às vezes, o fato de pertencermos parece não ter influência sobre a maneira de viver a realidade. O inconveniente de que fala o panfleto não é uma coisa tão distante; pelo contrário, por trás de uma aparência formal [quando subimos na esteira rolante] se encerra às vezes uma total autodeterminação quanto ao critério com que devemos julgar a vida. Em outras palavras, assumimos o critério sugerido pelo poder. Mas esse modo de agir demonstra o quanto é insuficiente, e dá para ver isso no mal-estar que sentimos e que, muitas vezes, se oferece para nós como uma possibilidade de retomada”.

Diz ainda Giacomo: “Diante desse título, não pude evitar um sentimento de resistência ao tema: ‘Como assim? Faz um ano que a gente trabalha sobre o que é e como nasce a fé, e você ainda me pergunta se um homem civilizado de nossos dias, ou seja, eu, pode crer na divindade de Jesus Cristo? Não basta que eu tenha respondido sim de uma vez por todas? O que mais você quer de mim?’ Mas tenho consciência de que, por trás dessa resistência, se esconde a minha repulsa a me deixar interrogar pessoalmente outra

vez – eu, neste momento – pela pergunta. É como se eu desviasse o olhar de uma pessoa que me pergunta: em que é que você crê? Repetir uma resposta que eu já dei, que já está consolidada, é o mesmo que não responder”.

Cada um de nós consegue reconhecer-se no mínimo em um desses testemunhos dos nossos amigos, em que fica clara como a luz do dia a necessidade que todos nós sentimos, o desejo, a paixão que experimentamos diante da vida; e isso nos mostra até que ponto o tema dos nossos Exercícios urge dentro de nós, como diz Francesco: “Nós estamos juntos como homens que levam a sério a sua vida, até mesmo as dificuldades”. Não precisamos escondê-las, não devemos ter medo delas, podemos encará-las, pois não estamos sozinhos e, por isso, podemos deixar que esse desejo, essa urgência, se torne um grito: vem, Senhor Jesus! Vem, para nos dar essa plenitude, essa capacidade de estar na realidade, sem sermos arrastados por todas as coisas que vemos bem diante dos nossos olhos. Estamos juntos, amigos, para encarar isso.

Peçamos a Cristo que se torne presente dessa forma nestes dias para cada um de nós, para que possamos reconhecê-Lo e sair daqui com uma consciência maior, com uma consciência mais aguda da Sua presença e, portanto, da Sua vitória. E que encontre em cada um de nós a disponibilidade, a abertura de coração, a simplicidade de que Ele precisa para entrar em nossa vida e salvá-la. Pois, como sempre nos lembrava Dom Giussani, o protagonista da história é o mendicante: “Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo”³. A esse Cristo, que se fará presente no meio de nós mendigando o nosso coração, só a pessoa que mendiga o coração de Cristo pode responder.

3 Giussani, L. “Nella semplicità del mio cuore lietamente Ti ho dato tutto”. In: Giussani, L.; Alberto, S.; Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. VII.

5 de dezembro, manhã

1. A NATUREZA DA NOSSA HUMANIDADE

“Pode um homem culto de nossos dias crer, crer realmente, na divindade do Filho de Deus, Jesus Cristo?”⁴ O desafio que a pergunta de Dostoievski nos faz se dirige a um homem com toda a capacidade da sua razão, com todo o seu desejo de liberdade, com toda a sua capacidade de afeição: um homem que não renuncia a nada de sua humanidade. No Cartaz de Natal, retomamos esta passagem do então cardeal Joseph Ratzinger: “Por que a fé ainda tem uma chance? [...] Porque corresponde à natureza do homem. [...] No homem vive indelével o anseio do infinito. Nenhuma das respostas dadas foi suficiente: apenas o Deus que se fez a si mesmo finito, para romper a nossa finitude e nos conduzir à imensidade da sua infinitude, responde ao questionamento do nosso ser. Por isso, também hoje a fé cristã encontrará de novo o homem”⁵.

Quando estive em São Paulo, em agosto, no encontro com os padres da América Latina, havia um padre que participava pela primeira vez e que, uma noite, no jantar, me disse (antes que eu chegasse, eles tinham passado um dia lendo os Exercícios da Fraternidade): “No seminário, sempre me disseram que é preciso esquecer de mim mesmo, que é preciso deixar o meu eu de fora. Fiquei muito impressionado quando vi que o que Dom Giussani diz é exatamente o contrário: que o que falta é o humano, para que a nossa fé possa ser realmente fé”. Foi como um lampejo, que me permitiu entender com que atitude diferente uma pessoa pode enfrentar o problema de Cristo, o problema da fé hoje, com que atitude diferente pode enfrentar a pergunta de Dostoievski: eliminando o humano (e então será difícil – como diz o cardeal Ratzinger – que a fé cristã possa encontrar o homem). Alguém poderia pensar, para atenuar a questão, que esse padre não estava familiarizado com a forma como nós fomos introduzidos à fé pelo encontro com Dom Giussani. Mas estou cada vez mais convencido

4 Cf. Dostoievski, F. M. *I demoni. Tacuini per “I demoni”*. Org. por E. Lo Gatto. Florença: Sansoni, 1958, p. 1011. Em língua portuguesa: Dostoievski, F. M. *Os demônios*. São Paulo: Editora 34, 2004.

5 Cf. Ratzinger, J. *Fé, verdade, tolerância. O cristianismo e as grandes religiões do mundo*. Trad. Sivar Hoepfner Ferreira. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Lull), 2007, p. 128.

de que esse posicionamento estranho é muito mais difundido, mesmo entre nós, do que nos damos conta.

Para nós, o humano é quase um obstáculo, uma complicação, um impedimento: melhor se não existisse. Tanto assim que o nosso mal-estar, a nossa insatisfação, a nossa tristeza, o nosso tédio são coisas que devem ser eliminadas ou negligenciadas. Ou – pior ainda – são um escândalo: “Como é possível que eu ainda seja assim? Como posso ainda ter em mim essa insatisfação, essa tristeza?” E temos a impressão de que essa humanidade é como um estorvo que precisa ser contornado; a prova disso é que pensamos que em primeiro lugar devemos dar um jeito nessa nossa humanidade e quem sabe, depois, possamos começar a relação com Cristo. É como se a nossa humanidade fosse realmente um obstáculo a essa relação. Demonstramos assim como somos vítimas da mentalidade dominante e como sucumbimos à ilusão de que possamos dar um jeito no humano sozinhos. Vejam até que ponto a mentalidade comum, a mentalidade de todo o mundo, nos influencia! Na própria maneira de olhar para a nossa humanidade, concebemos todos os sinais (o mal-estar, a insatisfação, a tristeza, o tédio) como limites que devem ser corrigidos ou evitados.

Ao contrário, esses sinais nos dizem qual é a natureza do nosso eu, quem somos nós: relação com o Infinito. São sinais que nos tornam conscientes de que o nosso desejo é maior que o universo inteiro, de que a percepção do vazio (“angústia e vazio”⁶) de que fala Giacomo Leopardi, ou o tédio profundo de que fala Martin Heidegger⁷, é a prova da nossa estrutura humana, da inexorabilidade do nosso coração, do caráter desmedido do nosso desejo. Por isso nada é capaz de nos dar satisfação.

Sendo assim, nossa tentativa de corrigir isso tem como primeiro passo, como origem, um juízo errado: nós consideramos tudo isso uma maldição; todos esses seriam sinais de algo que não está certo, quando, na realidade, são sinais da nossa grandeza. Aliás, a insatisfação, a tristeza, o tédio medem o alcance da nossa humanidade, a amplitude e a profundidade do nosso desejo. Justamente porque esse desejo é tão ilimitado, eu me pego acusando as coisas de insuficiência e de nulidade. Graças a Deus não podemos dar um

6 Leopardi, G. Pensamentos, LXVIII. Trad. Vera Horn. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 497.

7 “O entediante não vem de fora, ele emerge a partir do próprio ser-aí” (Heidegger, M. *Os conceitos fundamentais da metafísica. Mundo. Finitude. Solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 153).

jeito nisso: “Como torre/ Em campo solitário”⁸ reaparece mais uma vez essa exigência de realização. Esses fatos documentam que nós somos relação com o Infinito; o mal-estar, a tristeza, a insuficiência são sinais disso, não anomalias, como muitas vezes pensamos; não são doenças que precisam ser curadas com o uso de medicamentos (uma prática que se dá cada vez mais, confundindo a inquietação do coração com a ansiedade ou o pânico). É essa irredutibilidade do eu que nós somos que todos esses sinais atestam.

Por isso, amigos, é inútil querer dar um jeito no desejo do Infinito; nós não conseguimos fazer isso, mesmo que façamos da distração um sistema de vida.

Ao contrário, o verdadeiro obstáculo não é a nossa humanidade: “O supremo obstáculo ao nosso caminho humano é a ‘negligência’ do eu. No contrário dessa ‘negligência’, isto é, no interesse pelo próprio eu, está o primeiro passo de um caminho realmente humano. Poderia parecer óbvio que se tenha esse interesse, enquanto na verdade não o é de modo algum”⁹.

Por que essa negligência não foi vitoriosa em nós? Por que, apesar de tudo, estamos aqui com essa pergunta, com a consciência que temos dessa necessidade? O fato é que encontramos alguém com quem pudemos experimentar que essa negligência não é o único caminho que pode ser percorrido, que existe um outro caminho mais verdadeiro, porque nele não somos obrigados a censurar o humano – como acontece tantas vezes em nossa sociedade, que nisso, justamente, mostra o seu erro, pois uma solução que elimina um fator da realidade demonstra por si mesma ser falsa. Nós temos a sorte de encontrar alguém que, ao contrário, diz: “A coisa mais importante é sentir a humanidade daquilo que nos faz sofrer, a humanidade da tristeza do limite. É de algo positivo [vejam que mudança de juízo: para nós, é uma dificuldade; para ele, é algo positivo!] que tudo pode partir. Só de algo positivo. [...] Nosso ponto de partida é um bem. A pessoa pode sentir uma grave tentação; uma grave tentação não é uma coisa demoníaca: é uma força do corpo e da alma, é uma humanidade. Por que me é dada essa humanidade? Essa é a pergunta que se infiltra, se a pessoa entende (se a pessoa toma consciência da humanidade que tem como ponto de partida) que a tentação, enquanto instinto, enquanto tristeza, é uma positividade humana,

8 Leopardi, G. “O pensamento dominante”. Trad. José Paulo Paes. In: *Poesia e prosa*, cit., p. 260, vv. 18-19.

9 Giussani, L. *Em busca do rosto do homem*. Trad. Durval Cordas et al. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 11.

é uma capacidade humana, é uma humanidade. Para que me é dada essa humanidade? Esse é o ponto, é aqui que começa o homem: por que me é dada essa humanidade?”¹⁰

E, assim, a pessoa que faz a si mesma uma pergunta como essa começa a olhar para sua humanidade não como um obstáculo, mas como um bem, como um recurso; não como um inimigo, mas como um aliado.

É o que me escreve um amigo nosso: “Neste último ano muitas coisas mudaram; cresci muito neste caminho. Quero contar algo a meu respeito e da minha tristeza. Este ano comecei a olhar cada vez mais para a minha humanidade, para todos os meus erros, para os meus problemas, que muitas vezes parece que tiram a minha felicidade e, a partir do momento em que comecei a olhar para tudo isso, comecei a me dar conta de que essa tristeza não é contrária, não está em conflito com a minha felicidade, mas, pelo contrário, é o meio pelo qual eu me dou conta d’Ele. Com essa tristeza, a pessoa é viva, vive em busca de algo que dê sentido à tristeza. Quando me sinto triste assim, o que já é algo cotidiano, nunca escondo essa tristeza, pois é o instrumento por meio do qual Ele se faz presente”.

Esse é o olhar que nós encontramos, que nos permite olhar para a humanidade sem precisar censurá-la. Vemos no Evangelho que não havia necessidade dessa censura, desse esquecimento do humano: “Partindo dali, Jesus retirou-se para a região de Tiro e Sidônia. Eis que uma mulher cananeia, vindo daquela região, pôs-se a gritar: ‘Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim: minha filha está cruelmente atormentada por um demônio!’ Mas Jesus não lhe respondeu palavra alguma. Então seus discípulos aproximaram-se e lhe pediram: ‘Atende essa mulher, pois ela vem gritando atrás de nós.’ Jesus respondeu: ‘Eu fui enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel.’ Mas a mulher, aproximando-se [não desiste!], prostrou-se diante de Jesus, e começou a implorar: ‘Senhor, socorre-me!’ Jesus lhe disse: ‘Não fica bem tirar o pão dos filhos para jogá-lo aos cachorrinhos.’ A mulher insistiu: ‘É verdade, Senhor; mas os cachorrinhos também comem as migalhas que caem da mesa de seus donos!’ Diante disso, Jesus lhe disse: ‘Mulher, grande é a tua fé! Seja feito como tu queres!’ E desde aquele momento sua filha ficou curada. Partindo dali, Jesus foi para as margens do mar da Galileia, subiu a montanha, e sentou-se. Numerosas multidões aproximaram-se dele, levando consigo co-

10 Giussani, L. *Affezione e dimora*. Milão: Bur, 2001, pp. 44-45.

xos, aleijados, cegos, mudos, e muitos outros doentes. Então os puseram aos pés de Jesus. E ele os curou [não era preciso esconder nada, negligenciar nada: o fato de ser coxo, aleijado ou cego não era uma dificuldade, era o recurso que os impelia a buscá-Lo]. O povo ficou admirado, quando viu os mudos falando, os aleijados sendo curados, os coxos andando e os cegos enxergando. E glorificaram o Deus de Israel. Jesus chamou seus discípulos e disse: ‘Tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que está comigo, e nada tem para comer. Não quero mandá-los embora com fome, para que não desmaiem pelo caminho’ [e fez em seguida a multiplicação dos pães]”¹¹.

Não é que aquelas pessoas primeiro deram um jeito em todas as suas necessidades e depois foram encontrar Jesus. A doença, as necessidades, tudo o que nós consideramos um obstáculo era justamente o que as impelia a buscá-Lo.

Por isso, não podemos deixar de ter esse olhar cheio de simpatia pelo humano: “Cristo chega [...] exatamente aqui, à minha postura de homem, quer dizer, de alguém que espera alguma coisa, porque se sente totalmente carente [...]. Devemos, primeiramente, abrir-nos a nós mesmos, ou seja, tomar consciência vivamente das nossas experiências, olhar com simpatia o humano que está em nós, devemos levar em consideração o que verdadeiramente somos. Considerar quer dizer levar a sério tudo o que experimentamos, *tudo*, colher *todos* os aspectos, buscar *tudo* o seu significado”¹².

Mas como é possível, depois de ter encontrado alguém que tem esse olhar cheio de simpatia pelo humano, depois de ter lido tantas vezes e ouvido tantas vezes esses textos do Evangelho, como é possível que ainda sintamos o humano como um obstáculo, como uma objeção, como uma coisa que deve ser consertada previamente? Onde foi parar essa simpatia pelo humano? Surge, assim, com mais força ainda, a pergunta: por que, afinal, me foi dada essa humanidade? O que essa minha humanidade tem a ver com a fé, com o questionamento de Dostoievski? Tanto assim que, se não levo a minha humanidade em consideração, se não a levo a sério, não posso responder à pergunta de um modo verdadeiro, humano, razoável.

2. O RECONHECIMENTO DE CRISTO

Minha humanidade me foi dada para que eu reconheça a Cristo. Por

11 Mt 15,21-32.

12 Giussani, L. *O caminho para a verdade é uma experiência*. Trad. Neófita Oliveira e Giovanni Vecchio. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 104.

isso, se eu a censuro, não posso reconhecê-Lo. “O valor de uma pessoa não se percebe diretamente, como se o víssemos. O íntimo da pessoa pode ser compreendido na medida em que se revela – e se revela através de ‘gestos’, através de sinais [o amor de nossa mãe nós não o vemos; vemos os seus sinais]. Poderíamos compará-los aos sintomas que, para o médico, são a manifestação de uma realidade não perceptível diretamente através de sua observação. Quanto mais um médico é genial, mais capacidade terá para avaliar os sintomas. Assim, para colher e julgar o valor de uma pessoa através dos seus gestos, é necessária uma ‘genialidade’, uma ‘genialidade humana’. É uma capacidade psicológica mais ou menos desenvolvida ou mais ou menos favorecida. É composta de três fatores: uma sensibilidade natural, a educação completa e a atenção. [...] A capacidade da qual estamos falando não é necessariamente indicada por um nível de santidade ou de irrepreensibilidade ética [estar tudo em ordem, ter dado um jeito em tudo], mas, como está em jogo a relação elementar do particular com o todo, ela é mais bem definida como abertura original da alma [...]. No Evangelho, Jesus continuamente ressalta a necessidade do que anteriormente chamamos de genialidade moral [humana] para que se possa compreendê-Lo”¹³. Se não desenvolvemos plenamente essa nossa humanidade, não podemos chegar a responder com certeza à pergunta de Dostoievski a respeito da identidade total de Jesus Cristo: “Assim, para enfrentar a concepção moral de Jesus e para avaliar a personalidade que dela transparece, é necessária uma humanidade, uma possibilidade de correspondência humana com Ele. [...] Aquilo que chamamos genialidade religiosa, aquela abertura última do espírito, ainda que brote de dotes naturais diferentes em cada um de nós, é algo em que a pessoa deve empenhar-se continuamente. Grande é a responsabilidade da educação: aquela capacidade de compreender, de fato, ainda que corresponda à natureza, não é espontânea”¹⁴.

E nós, como é que somos educados a isso? Somos educados se somos constantemente leais com tudo o que nos acontece, com todas as coisas que reabrem a nossa ferida, que nos escancaram, que nos fazem entender qual é a nossa necessidade. Por isso, se censuramos o nosso humano, se não somos leais com o que acontece, não podemos estar totalmente abertos a reconhecer Cristo.

13 Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*. Trad. Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, pp. 115-116.

14 Id., *ibid.*, pp. 118-119.

Mas, para nós, esse humano muitas vezes é como uma etapa a ser superada, um obstáculo. No entanto, reduzir o senso religioso, essa abertura original, a mera premissa – algo que vem bem antes de encontrarmos o cristianismo, Cristo, o Movimento, mas que, depois de encontrá-los, precisa ser eliminado – é o sinal da incompreensão que temos do senso religioso, do cristianismo e do carisma. Pois Dom Giussani nos disse, para nos aproximar do conhecimento de Cristo, para nele nos introduzir: “Ao abordar o tema da hipótese de uma revelação e, em particular, da revelação cristã, nada importa mais do que perguntar-se qual é a situação real do homem. Não seria possível dar-se conta plenamente do que signifique Jesus Cristo sem antes nos darmos conta da natureza daquele dinamismo que faz com que o homem seja aquilo que é. Com efeito, Cristo se propõe como resposta àquilo que ‘eu’ sou, e apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer, admirar, agradecer, e vivenciar Cristo. Sem essa consciência, até mesmo o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome”¹⁵. Todos vocês deveriam aprender essa passagem de cor – todos! –; e não é só um modo de dizer.

Um simples nome não serve para responder às urgências da vida. Para que eu possa reconhecer, admirar e viver Cristo, preciso ter essa consciência atenta, terna e apaixonada de mim mesmo. Por isso, o cristianismo apresenta um grande inconveniente: exige homens para ser entendido e vivido. Homens, ou seja, aquele nível da natureza em que esta adquire consciência de si. Se a humanidade não vibra – como vimos no Evangelho, diante das curas –, não há persuasividade de discurso religioso que se sustente, pois não podemos resolver a questão repetindo um discurso que nos leve a ser cristãos hoje. O cristianismo não possui outra “arma”, senão esta: o ser humano que vive como tal e que se renova e deixa desabrochar sua humanidade renovada. O cristianismo tem, portanto, este grande inconveniente: exige homens. Se não houver homens, não haverá cristianismo. Homens, ou seja, pessoas que vivem a imensidão da pergunta, pois, sem isso, o cristianismo não pode ser entendido e vivido. Para que possamos entender de que se trata, o que é o cristianismo, é preciso haver homens; do contrário, falamos de Cristo sem entender nada. E depois nos descobrimos indefesos diante dos desafios da vida.

15 Id., *ibid.*, p. 9.

Sendo assim, nós nos encontramos diante desta decisão: de um lado, o humano para nós muitas vezes é um obstáculo que precisamos contornar, que devemos esquecer ou negligenciar, mas, de outro lado, sem o humano não podemos entender o que é Cristo. Já vimos isso: sozinhos, negligenciamos, nos espantamos ou nos escandalizamos com a nossa humanidade, tanto assim que encontrar alguém que tenha essa simpatia pelo humano é quase um milagre. Prestem atenção nas conversas de vocês: na maioria das vezes, é puro lamento. Quantas e quantas vezes eu me vejo dizendo às pessoas que vêm se lamentar comigo: “Mas você deve agradecer, antes de ir dormir hoje à noite, o fato de ainda ter essa ferida na sua humanidade!”

3. A AFEIÇÃO A SI

O que é preciso para que eu não tenha medo da minha humanidade? O que é que me pode dar essa simpatia pelo humano, permitir que permaneça desperta? O que torna possível uma afeição a mim mesmo, a essa minha humanidade, tal como ela é?

Dom Giussani nos diz que “o homem não é capaz de ser ele mesmo, de permanecer homem, a não ser com a ajuda de Cristo. Sem a ajuda de Cristo, o homem não entende que é pedido, não entende que sua natureza é ser desejo, e por isso se escandaliza de que seu desejo não seja satisfeito. [...] Mas o homem, sozinho, é tão pouco capaz de ser ele mesmo, que, sem Cristo, já nem seria homem. De fato, se esqueceria de que é desejo de felicidade e, blasfemando, diria: ‘Eu sou feito para a felicidade e não consigo alcançá-la’”¹⁶.

Essa é a situação que não podemos eliminar, essa é a ferida que não conseguimos fechar, essa é a insuficiência que encontramos constantemente em nós e nas respostas que tentamos dar a nós mesmos. E Jesus entra justamente nesse nível, para revelar a Si mesmo: “Quem é Jesus? A pergunta foi feita. E Ele respondeu. Respondeu revelando-se através de todos os gestos da Sua personalidade. [...] O ‘gesto’ mais iluminador, o ‘sinal’ mais significativo [mais que as curas, mais que os milagres], é [...] o sentimento definitivo e global que tem do homem. Só o divino [atenção para esta passagem decisiva] pode ‘salvar’ o homem, isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino só podem ser ‘conservadas’ – ou seja, reconhecidas, proclamadas

¹⁶ Giussani, L. *Affezione e dimora*, cit., p. 49.

e defendidas – por Aquele que é o seu sentido último”¹⁷. Em outras palavras, só Deus é capaz de abraçar a minha humanidade com tudo o que tem de irredutível e, por conseguinte, só Ele pode revelar a mim mesmo o que eu sou, por que sou feito desta forma, por que tenho a minha insatisfação e a minha tristeza, por que me é dada essa humanidade.

Por isso, quando alguém O encontrava e se sentia olhado desse jeito... Imaginem Zaqueu: que comoção, que paixão naquele olhar. E isso bastou para que Zaqueu reconhecesse que aquele homem era Deus: “É na concepção da vida proclamada por Cristo, na imagem que Ele dá da verdadeira estatura do homem, é no olhar realista que Ele lança sobre a existência humana, que o coração que busca o seu destino percebe a verdade na voz de Cristo que fala; é aqui que o coração ‘moral’ percebe o sinal da Presença do seu Senhor”¹⁸. A nós foi dada essa humanidade para que pudéssemos reconhecê-Lo; se, porém, a censurarmos, como poderemos reconhecê-Lo?

Podemos reconhecê-Lo porque Jesus olha para nós de um modo que não nos amedronta, porque é como se toda a nossa incapacidade de responder já tivesse sido abraçada: com Ele, posso olhar realmente para mim mesmo sem medo. E quem é que pode olhar de verdade para um homem, sem medo, sem reduzi-lo, a não ser Deus? Jesus demonstra quem é na maneira como olha para essa nossa humanidade irredutível. Para o homem, a experiência do amor a si mesmo é algo que só sua mãe, por alguns momentos, lhe pode conceder, e, além dela, só Deus. E é isso, o fato de pregar o amor a nós mesmos, o amor à nossa pessoa, é justamente isso o sintoma de que Cristo é Deus, de que é divino, pois ninguém nos diz que amemos a nós mesmos, ninguém é capaz de nos amar desse jeito. Portanto, quando encontramos alguém assim, somos apaziguados, nos tornamos capazes de letícia, graças a esse amor a nós mesmos que descobrimos.

Se é assim, o sinal de que Cristo é Deus não é uma teoria, não é uma filosofia: é um olhar, é uma maneira de tratar o humano, é a maneira como Ele se relacionava com aqueles que encontrava, da forma como eles eram, antes de mudar qualquer coisa, com aquela humanidade tão carente, tão atormentada, tão cheia de necessidades.

Mas é possível fazer uma grande objeção. De fato, quando fixaram na universidade o panfleto sobre a questão dos crucifixos, alguém riscou o “é”

17 Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*, cit., pp. 119-120.

18 Id., *ibid.*, p. 120.

da frase “Cristo é um homem vivo” e escreveu por cima: “Era”. Nós devemos aceitar o grande desafio: Cristo “é” um homem vivo ou “era” um homem vivo? Nós, hoje, homens cultos de nossos dias, podemos responder a essa pergunta?

Como é que sabemos que Cristo está vivo hoje e torna a fé razoável neste momento? Só podemos ter essa certeza se encontramos, no presente, um olhar assim, um olhar humano como esse. E aqui não dá para blefar. Só posso reconhecer que Cristo está vivo hoje se consigo abraçar a mim mesmo, hoje, se posso ter essa afeição a mim mesmo, hoje, pois a primeira consequência da relação com Cristo é a afeição a nós mesmos, é o amor da pessoa a si mesma. Mas o que é que pode tornar o amor a mim mesmo permanente? Dom Giussani dizia que “um Cristo como fato histórico distante [“era”] pode ser lido como uma bela página da literatura, pode até fornecer um *input* momentâneo, pode gerar emoção, pode despertar saudade, mas agora, com estes músculos que não se aguentam, com este cansaço, com esta tendência para a melancolia, com este masoquismo estranho que a vida de hoje tende a favorecer ou com esta indiferença e este cinismo que a vida de hoje torna necessários, como remédio, para não ter de suportar um mal-estar excessivo e não desejado, como é possível aceitar-se a si próprio e aos outros em nome de um discurso?”¹⁹

Se o cristianismo é apenas um fato histórico do passado ou um discurso, eu não posso abraçar, neste momento, a minha humanidade e o meu limite. Se Ele não é uma Presença, se não venceu a morte, se não ressuscitou, e, portanto, se não é o dominador da história, se não é o Senhor do tempo e do espaço, se não é meu agora, como foi de André e João há dois mil anos, eu volto a ser nada. Pois, como vimos, “o amor a si próprio não se sustenta sem que Cristo seja uma presença como é uma presença uma mãe para o filho”²⁰.

4. CARISMA E CONTEMPORANEIDADE DE CRISTO

O desafio, então, é: esse olhar existe ou não existe, hoje? É aqui que se mantém ou cai por terra a verdade do cristianismo: se Cristo é contemporâneo hoje. E é isso o que define a verdade do carisma que encontramos, e é já a primeira resposta à pergunta a respeito de Sua presença hoje. E a resposta é sim. Por quê? Porque nós não conseguimos nem sonhar com um

19 Giussani, L. *Qui e ora (1984-1985)*. Milão: Bur, 2009, p. 76.

20 Id., *ibid.*, p. 77.

olhar para o humano como o que Dom Giussani nos testemunha. E não é porque Dom Giussani tinha um temperamento particular: esse olhar que Dom Giussani nos testemunha – seria preciso eliminar mais da metade do que ele disse para eliminar esse olhar – é o sinal mais forte da contemporaneidade de Cristo para nós, hoje; tê-Lo visto vibrar nesse olhar é o sinal de que o carisma é um dom do Espírito.

O carisma é o sintoma mais forte da contemporaneidade de Cristo hoje, tanto assim que tornou possível o que para nós não o era de modo algum: essa afeição a nós mesmos. Poder olhar para o humano desse jeito, poder ter essa simpatia pelo humano, não apenas lendo sobre ele num texto do passado, mas encontrando-o numa humanidade hoje, é o sinal da contemporaneidade de Cristo. Foi isso que me fez entender por que eu andava a procurá-lo, por que, diante do meu humano, que eu às vezes não suportava, que tinha dificuldade para abraçar, quase por uma intuição voltava a ler Giussani: porque, naqueles textos – pois eu não o encontrava para almoçar, eu o via, quando muito, uma vez por ano –, eu achava um olhar que não existe em nenhum outro lugar. Era isso que me levava a apaixonar-me mais por Cristo, e que me tornava cada vez mais grato a Dom Giussani, cada vez mais apegado a ele, pois ele me introduzia cada vez mais nesse olhar que Cristo lança sobre mim.

E é isso que continua a acontecer hoje; vocês deram exemplos disso, não são teorias.

Uma de vocês me escreveu: “Há cerca de um ano, minha vida mudou por completo, de um modo extraordinariamente gratuito e que eu não desejei; é uma graça. O mês de agosto de 2008 foi fundamental para que eu me desse conta de que existe uma maneira mais bonita de viver todas as coisas. Estive trabalhando num hotel da cidade de Mazzin di Fassa durante algumas semanas. Eu não sabia nada do movimento de Comunhão e Libertação, mas tinha à minha frente pessoas que, graças a seus olhares, mas também apenas à maneira como se relacionavam umas com as outras, me conquistaram [porque um olhar como esse é impossível para o homem, e, quando a pessoa o encontra, não pode deixar de reconhecê-lo]. Era evidente que a vida deles era mais feliz que a minha: dava para ver em seus olhos, em seu comportamento, em suas palavras. Quando terminou aquele mês, eu estava convencida de uma coisa só: queria viver exatamente como eles. E assim, não perdendo o contato com as pessoas que eu tinha encontrado na

montanha, vim a conhecer o Movimento. No início, tenho de dizer o que é verdade, eu estava muito desconfiada, um pouco por orgulho, um pouco porque eu afinal vinha de uma realidade muito diferente da de Comunhão e Libertação, e por esse motivo nem podia ousar mencionar determinados assuntos na minha família [mas que coisa é essa, que nem a tradição familiar pode impedir?]. Enfim, eu tinha voltado para casa, depois daquelas semanas paradisíacas na montanha, mas nada, absolutamente nada na minha vida continuou a ser como era antes [porque o coração é o verdadeiro interlocutor de Cristo, e num instante todo o resto vira cinzas]”.

Outro amigo recém-chegado me escreveu isto: “Conheci o Movimento em abril, pois um pessoal de CL me pediu que eu me candidatasse nas eleições universitárias, e eu disse sim, maravilhado com a seriedade da proposta e impressionado, como já estava, por ver que eles viviam na universidade todos os dias. Assim, ao poucos comecei a ir à Escola de Comunidade e a passar mais tempo com eles na faculdade, tocado pela maneira como me sentia levado a sério. E agora sei que isso acontece porque Cristo está presente”.

E ouçam o que diz esta menina: “Eu nunca vou-me esquecer do primeiro dia de aulas na universidade, quando, subindo a escadaria do Instituto Politécnico um pouco desorientada, porque estava numa nova cidade, começando a faculdade, e não conhecia praticamente ninguém, vi um monte de gente enchendo as minhas mãos de panfletos e, sem conhecer ninguém, já havia reconhecido entre aquelas pessoas as que eram do Movimento, pela maneira como agiam, pelo modo como punham um pedaço de papel na sua mão, aparentemente como todos os outros. Sobretudo depois da morte de amigos queridos, tornou-se cada vez mais inquietante a pergunta sobre a razão pela qual vale a pena viver, se existe alguma coisa que se sustente, que fique, que não esteja sempre fugindo. Quando, ao entrar na universidade no primeiro dia, vi o pessoal de CL, deixei escapar um suspiro de alívio e pensei: são eles. Talvez eu tenha vivido naquele momento aquilo de que muitas vezes tinha ouvido falar sobre o método da fé. Eu já havia escutado muitas vezes aquele exemplo que diz que, quando você volta para casa e sente o cheirinho do macarrão, logo pensa: a mamãe me fez macarronada [é simples assim, como reconhecer uma macarronada]. No reconhecimento do Mistério vale o mesmo processo. Para mim foi assim mesmo. Eu então me perguntei o que tinha mudado; por que aquele exemplo, que antes me parecia distante, se tornou tão verdadeiro naqueles degraus, quase inconscientemente? Eu, apenas eu, tinha mudado. Lá

estava eu, naquela escadaria, sozinha, um pouco amedrontada, mas cheia de vontade de ver aquele lugar, de descobrir onde seria a minha aula; eu estava lá, com o meu humano, com o meu medo, com a minha solidão, mas com mais desejo de ver. Comecei a olhar para as coisas que estavam ali e – que maravilha! – descobri que a gente não precisa se esforçar para se dar conta do que tem bem debaixo dos olhos, a não ser para continuar a ser simples; assim, me vi cheia de gratidão outra vez”.

E ainda: “Em maio foram realizadas as eleições universitárias e, no meio da agitação, nós encontramos um jovem de Nazaré numa parada para um café. A partir daí, ele começou a viver cada vez mais conosco na universidade, e até passou a ir à Escola de Comunidade, que achava um pouco estranha, mas muito boa para ele. Durante as férias, voltou para casa, mas, na volta, no mesmo dia em que chegou à Itália, me ligou para que nos encontrássemos. Nestes meses, eu vi de verdade que, se uma pessoa se deixa tocar, como ele, pelo fato de Cristo, a vida muda e muda radicalmente. Hoje a Escola de Comunidade já não é apenas boa para ele, mas é ‘o que sempre senti dentro do meu coração, mas que ninguém nunca me disse antes’”. Aqui e agora, e não apenas há dois mil anos: aqui e agora. Pois um olhar como esse é a coisa mais impossível para o homem, é o sinal do divino, o sinal da presença de Cristo, da contemporaneidade de Cristo. E não apenas em Dom Giussani, que muitos de vocês nem conheceram pessoalmente; agora! Permanece agora, a sua presença permanece agora.

É com essas coisas gravadas em nosso olhar que podemos enfrentar de verdade a questão de um homem culto de nosso tempo, um homem civilizado de nossos dias, poder realmente crer em Jesus Cristo ou não. A fé é possível, tem sentido para um homem culto? Como já vimos, a experiência da fé começa quando a pessoa se depara com um fenômeno de humanidade nova, diferente, ou seja, correspondente às exigências originais do eu. Por isso, a pessoa começa a crer a partir desse fato (um certo encontro, um jantar, um jeito de estar na universidade, o relacionamento entre nós), que desafia a razão pela sua diversidade, pela sua excepcionalidade, pelo seu tom de verdade. Não é simplesmente ler uma passagem do Evangelho ou um livro, mas é um fato humano, um encontro humano. E a minha razão se vê às voltas com essa experiência.

Vejam o que lemos na Escola de Comunidade: o que é a fé? “Existe na nossa experiência algo que provém de fora dela: imprevisível, misterioso, mas dentro da nossa experiência. Se é imprevisível, não visível imediatamente

te, misterioso, com que instrumento da nossa personalidade nós nos damos conta dessa Presença? Com aquele instrumento que se chama fé. Chamamos a este instrumento 'fé', para usar um termo que não se reconduza e se esgote no conceito de razão, porque a compreensão da experiência nos seus fatores imediatamente experimentáveis faz parte da razão [...], mas nós, na experiência, sentimos o sopro ou a vibração ou as consequências de uma Presença que não se pode explicar, surpreendente: um encontro surpreendente; por isso é algo além da razão que o pode intuir e entender, e a isto nós chamamos fé, que é uma inteligência da realidade, é uma inteligência da experiência. [...] Eu disse que a fé é uma forma de conhecimento que está além do limite da razão. Por que está além do limite da razão? Porque colhe uma coisa que a razão não pode colher: 'a presença de Jesus entre nós', 'Cristo está aqui, agora'. A razão não pode percebê-Lo como percebe que você está aqui, é claro? Porém, não posso deixar de admitir que está aqui. Por quê? Porque há um fator aqui dentro, há um fator que decide por esta companhia, decide por certos resultados desta companhia [é o que define esses olhares, essa novidade de relacionamentos], certas ressonâncias nesta companhia, tão surpreendente que se não afirmar algo diferente não dou razão da experiência, porque a razão é afirmar a realidade experimentável segundo todos os fatores que a compõem, todos os fatores. Pode haver um fator que a compõe do qual se escuta o eco [o aroma, como o da macarronada], do qual se percebe o fruto, do qual se vê também a consequência, mas não se consegue ver diretamente; se eu digo 'Então não existe', erro, porque elimino algo da experiência, não é mais razoável"²¹.

E isso é o que vocês reconhecem. Ouçam esta amiga que agora voltou à Romênia para fazer seu trabalho de conclusão de curso: "Naquele período, vivi de um modo inesperado. Vendo-me tão contente, livre e sem medo, percebi em mim mesma a consciência de ser amada, de ser querida naquele lugar. Eu me perguntei de que nascia essa consciência. Lembrei-me de um episódio de agosto, quanto fui passar o dia com um pessoal que tinha saído para estudar. Ali, eu me impressionei com o modo como aquelas pessoas tão diferentes estavam juntas. Um modo desejável. Ao ver aquela beleza, voltou a pergunta: como isso é possível? Não tenho como ignorar algo que está ali dentro, naquela experiência que eu faço. E me responderam: uma companhia tão desejável só é possível graças à presença de Cristo".

21 Giussani, L. *É possível viver assim?* Trad. Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, pp. 225-226.

Ouçam mais este testemunho: “Não dava para fingir que eu não tinha visto que era possível viver à altura desse desejo que me dilacerava. Não dava para fingir que não tinha visto. A razão não pode ignorar algo que toca, que está na experiência; assim, eu me rendi à evidência e dei espaço ao que estava acontecendo. Passaram-se quatro anos e aquela experiência se tornou carne no dia a dia: Cristo presente. E a realidade desabrochou bem diante dos meus olhos, tornou-se toda para mim; descobri quem eu sou e Quem me realiza. Cada aspecto da minha existência já não é o mesmo: os relacionamentos, o estudo e o trabalho estão cheios de uma liberdade e de uma plenitude que eu nunca tinha experimentado. E a minha vida mudou de um jeito irreversível. Isso é um dado que eu não posso reduzir”.

Outra pessoa diz a mesma coisa: “Na maneira como os meus amigos estavam juntos, dava para ver algo que supera a medida humana. Isso me obrigou a ir até a origem, e aquelas mesmas pessoas vivas disseram qual é essa origem: Cristo. Isso dilatou em cada circunstância da vida a minha consciência de pertencer a algo sólido, mais forte que os reveses do mundo, algo que vem de homens que vivem de um modo desejável, o único que corresponde”.

Todo o drama da questão de Dostoievski está aqui: se esse fator existe, se é real agora. É por isso que Dom Giussani prossegue assim: “A fé é um ato do intelecto, afirma o catecismo, é um ato do conhecimento que colhe a Presença de algo que a razão não saberia colher, mas que todavia deve-se afirmar, do contrário, eludir-se-ia, eliminar-se-ia algo que existe dentro da experiência, que a experiência *indica*, e portanto, de qualquer modo, inegavelmente, existe; é inexplicável, mas existe. Então há, obrigatoriamente, em mim, uma capacidade de entender, de conhecer um nível da realidade que é maior do que o comum; e sou obrigado, pela razão, a admiti-lo: [...] todo o núcleo da inteligência cristã está aqui. É preciso entendê-lo. Não é preciso entender *como* Cristo está aqui; é preciso entender que somos *obrigados a afirmar* que existe alguma coisa diferente”²².

É uma graça que acontece: “O valor do fato com que a pessoa se depara transcende a força de penetração da consciência humana [da razão], requer também um gesto de Deus para a sua compreensão adequada. Com efeito, o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognitiva da consciência, ajusta a agude-

22 Id., *ibid.*, pp. 226-227.

za do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca. Chama-se *graça da fé*²³.

Essa maneira imponente como Ele aparece diante dos nossos olhos, nessa excepcionalidade que podemos apalpar, exalta a capacidade cognoscitiva, amplia a razão, para que possamos perceber aquilo que de outra forma não conseguiríamos: o Mistério presente.

A fé não apenas não teme, mas exige um homem culto, que use a razão dessa forma, até o fundo, ou seja, que submeta a razão à experiência, que seja realmente crítico, portanto, que use o coração, que avalie tudo à luz de suas aspirações, de suas evidências e exigências últimas, originais. Sem essa nossa humanidade não há fé, pois tudo parece contrário à fé, e nós não nos podemos contentar em ser conduzidos pela esteira rolante.

Dá para ver como é possível uma fé plenamente humana pela maneira como Jesus lança este desafio a seus discípulos: “Quando vedes uma nuvem vinda do ocidente, logo dizeis que vem chuva. E assim acontece. Quando sentis soprar o vento do sul, logo dizeis que vai fazer calor. E assim acontece”²⁴. As pessoas da época de Jesus entendiam bem que os sinais da nuvem ou do vento do sul remetiam a uma outra coisa, remetiam a algo além deles. E Jesus, sem fazer nenhum comentário, prossegue diretamente: “Hipócritas! Vós sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu. Como é que não sabeis interpretar o tempo presente [aquilo que está acontecendo agora, por intermédio de Mim]? Por que não julgais por vós mesmos o que é justo?”²⁵

Nós somos como aquelas pessoas: não é que não vejamos, pelo contrário, estamos diante de uma avalanche de fatos, de sinais. Não é que falem sinais ou que sejamos pouco inteligentes; é que nós somos hipócritas, queremos não entender. A acusação de hipocrisia que Jesus faz é adequada, porque indica a contradição entre a capacidade de discernir os sinais meteorológicos e a falta de capacidade de discernir os sinais da ação de Deus. Se não o fazemos, é porque dizemos não.

Para aderir, basta que sejamos sinceros, basta que sejamos leais com o que acontece, com o que experimentamos. E é exatamente dessa forma que podemos, como homens do nosso tempo, razoavelmente, responder com um sim à pergunta de Dostoievski.

23 Giussani, L. *Educar é um risco*. Bauru: Edusc, 2004, p. 90.

24 Lc 12,54-55.

25 Lc 12,56-57.

ASSEMBLEIA

5 de dezembro, tarde

Julián Carrón. Acertamos em cheio, pois nas perguntas apareceu justamente a dificuldade que temos para reconhecer o nosso humano como o maior recurso que possuímos. Em muitas ocasiões, prevalece o escândalo diante disso. É bom que essa dificuldade apareça, que a enfrentemos juntos, que não tenhamos medo dela, pois, assim, poderemos nos ajudar a responder às perguntas e aos problemas que vão surgindo.

Escolhemos algumas questões que expressam melhor as dificuldades que despontaram no trabalho de vocês.

Depoimento. Premissa: eu sou um daqueles que preferem a esteira rolante, sem dúvida nenhuma.

Carrón. Bem-vindo ao clube!

Depoimento. Você falou da tristeza, não como um limite, mas como uma oportunidade para que eu tome consciência da natureza do meu desejo. O que me vem acontecendo é o seguinte: eu encontro a minha namorada, depois vou para casa e sinto essa grande tristeza, essa grande melancolia. Mas, exatamente como você disse, entendi que isso não é um obstáculo ou algo que precisa ser removido, mas, ao contrário, é um sinal que me permite entender o quanto é grande o meu desejo.

Carrón. Por que esse fato leva você a entender isso?

Depoimento. Porque essa pessoa deveria ser a coisa mais bonita para mim, não é?

Carrón. Ou seja: não é quando as coisas não vão bem, mas quando eu tenho diante de mim a menina de quem eu gosto pra valer, que nem esse momento basta.

Depoimento. É isso.

Carrón. Não é quando a vida nos trata mal; o problema da vida aparece e começa a ser percebido no momento mais bonito, não no ruim. Por que é que nem essa coisa tão bonita é suficiente? O que é, então, que me basta?

Depoimento. A pergunta que surge é exatamente esta: o que me basta? O problema que eu ponho é o seguinte: já que a minha namorada também sente essa melancolia, já que qualquer homem a sente, não é preciso estar

nesta companhia para sentir isso.

Carrón. Perfeito.

Depoimento. Então, como é que o encontro que eu fiz transforma, transfigura essa minha melancolia?

Carrón. E você, o que você diz? Você fez o encontro?

Depoimento. Sim.

Carrón. E como o encontro transforma a melancolia?

Depoimento. No meu modo de entender, deveria quase eliminá-la; mas não é isso que acontece, esse é que é o problema. Essa é uma coisa que realmente me incomoda.

Carrón. Isso mesmo. Foi por isso eu pedi que você viesse fazer sua pergunta, porque esse ponto é crucial, e dessa forma nós o enfrentamos com todos os nossos amigos. Mas você gostaria que Cristo lhe tirasse isso? É uma coisa que você precisa encarar: você gostaria de não sentir saudade da sua namorada?

Depoimento. Não, provavelmente eu me cansaria dela, é verdade, mas...

Carrón. Você gostaria que sua namorada não tivesse saudade de você? Inverto a perspectiva, para ver se você entende.

Depoimento. Não.

Carrón. Pois bem: o que significaria, se ela não tivesse saudade de você? Que não se importa nem um pouco com você. Você gostaria disso? É o que vocês desejam?

Depoimento. Não.

Carrón. É preciso que pelo menos uma vez tenhamos a coragem de encarar isso. Pois é desse jeito, encarando essa coisa sem medo, sem se assustar, que a pessoa se dá conta de que talvez não seja uma desgraça. No dia em que você não tiver essa melancolia em relação a ela, o que será do seu amor por ela? Então, se isso é verdade, a melancolia é um bem ou uma desgraça?

Depoimento. É um bem.

Carrón. É um bem. Mas, então, por que na imaginação de vocês seria melhor eliminá-la? Se você deixasse de ter essa melancolia em relação à sua garota, em que ela lhe interessaria? É justamente porque a melancolia é um bem tão precioso, que você sente essa saudade. No dia em que não a tiver, tudo estará acabado. E você teria alguma razão para procurar sua namorada?

Depoimento. Na prática, então, a diferença está na maneira como eu olho para essa melancolia? É essa a diferença entre nós e uma pessoa que não fez o encontro com o Movimento?

Carrón. Não, a diferença é uma outra. Sem ter encontrado Cristo, o que acontece a todas as outras pessoas? O que lhes acontece quando essa melancolia acaba? Para elas, significa que acabou tudo. E Cristo, o que introduz nessa experiência humana? Ele a doa a você para sempre e o leva a amá-la cada vez mais. Para quem não acontece isso, o que vem depois? Vem que tudo desaparece, tanto assim que fazem leis especialmente para isso: já que vai acabar, é preciso preparar o caminho de saída, que se chama divórcio. Todos esperam que o amor acabe assim. O que Cristo introduz, então? Ele diz a você: “Amigo, se você não deixar a Minha vida entrar em você, não será capaz nem de manter desperta essa saudade; a sua namorada, enquanto tal, não é capaz de despertar em você essa saudade. Você precisa de Mim, pois, sem Mim, tudo cai por terra. Só se Eu estou na raiz do amor de vocês é que esse amor pode continuar; se Eu não alimento o amor de vocês, vocês não têm força nem capacidade para mantê-lo desperto, para mantê-lo vivo, para mantê-lo viçoso, para mantê-lo como era no início”. Pelo fato de sermos pobres coitados, sem Cristo tudo acaba. O que Cristo introduz? Introduz que essa coisa bonita que lhe aconteceu continue. Mas não porque lhe tira a saudade, não porque lhe tira a melancolia, mas, sim, justamente porque as desperta continuamente em você! Ou você gostaria que num belo dia a sua namorada não lhe significasse mais nada, como acontece tantas vezes? Na maioria das vezes, chega um dia, depois que eu senti essa melancolia, em que as pessoas que mais me tocaram, que me comoveram até a medula dos ossos, não me dizem mais nada! Como isso é possível? Isso é possível porque nós não somos capazes de manter isso desperto, e a sua namorada certamente não tem a força para sempre despertar essa saudade em você. Só Ele – que é tão poderoso – pode doar a você essa experiência para sempre. E como você gostaria que fosse sempre assim! Não como muitas vezes imaginamos ou vemos na experiência de tantas pessoas, em que a consequência é a indiferença, quando não mesmo o peso, a recusa, a incapacidade de suportar. Jesus não veio para se intrometer em nossas questões pessoais, em nossas coisas mais íntimas, mas para salvá-las; se nós o deixamos entrar, se deixamos aberta a possibilidade de que Ele desperte outra vez tudo isso, é que pode acontecer uma coisa como essa. Do contrário, o nosso *input* inicial tem um prazo de validade, pois a sua namorada (e vice-versa) não é capaz de despertar outra vez em você o interesse do início. Por que não é capaz? Porque somos feitos para o infinito, e, se vocês não veem esse amor como uma relação com Aquele a quem esse amor remete – pensando que está tudo aí, nesse amor –, as coisas mais bonitas, a coisa

mais bela que lhes aconteceu na vida cai por terra! Imagine que você tentasse não deixar esse relacionamento morrer: poderia fazer alguma coisa? Não. As pessoas fazem de tudo. Um monte de tentativas: viagens, surpresas, presentes... Vejam a quantidade imensa de tentativas incapazes de manter desperto um instante que seja dessa mesma saudade que nós quase gostaríamos que desaparecesse. Isso é o que Cristo introduz. Interessa a você?

Depoimento. Obrigado.

Depoimento. Hoje de manhã, você disse que para perceber o valor de um fato, de uma pessoa, é preciso uma genialidade humana, e que essa genialidade não é um nível de santidade ou um comportamento eticamente irrepreensível, mas uma abertura original da alma. Eu não entendi muito bem como você pode dizer que não é uma questão ética, pois muitas vezes tenho a impressão de que são realmente a minha incoerência, a minha distração, a minha superficialidade que me impedem de ter essa abertura.

Carrón. Por que o certo é o que eu disse e não o que você está dizendo? Vejamos juntos. Vejamos juntos, pois olhar para isso é uma das coisas mais bonitas do Evangelho. Os publicanos eram coerentes? Não, eram pecadores. As palavras publicano e pecador eram sinônimos, o exemplo da incoerência absoluta. Imagine o seu ofício coincidir com o pecado! Pior que isso, mais incoerente que isso, impossível. No entanto, tomemos o exemplo de Zaqueu, publicano, chefe dos publicanos, digamos; a incoerência máxima! Essa incoerência que ele via em si mesmo o impediu de conhecer Jesus? Esse é o problema da sua pergunta. A incoerência que ele sentia em si mesmo até a medula dos ossos não lhe impedia de reconhecer Cristo. A Samaritana havia tido cinco maridos, e aquele que tinha não era o seu. Isso lhe tirou a sede que ela tinha, essa abertura que ela tinha? Impediu-a de reconhecer Jesus? Não. E tem mais; o filho pródigo aprontou de tudo, foi embora de casa, esbanjou sua parte da fortuna – o Evangelho não poupa detalhes para dizer o quanto ele foi incoerente –; acabou tomando conta dos porcos, o animal mais impuro para um judeu, a pior coisa, a maior humilhação. Isso não o impediu de, quando estava ali, na incoerência absoluta, ter-se lembrado de dizer: “Mas na casa de meu pai vivíamos como reis!” Dá para entender? Que significa isso? A coisa mais bonita do Evangelho é que, como você vê, são pessoas a quem acontecem as mesmas coisas que a nós, que vivem as mesmas dificuldades que nós temos; e por isso, se nós olhamos para o Evangelho, encontramos uma resposta a nossas perguntas, pois lá Jesus respondeu a essas

perguntas. A incoerência deles não impediu Jesus de olhar para a Samaritana e para Zaqueu. E isso fez que aparecesse – mesmo sob toda a incoerência, sob a colcha de seus pecados – a humanidade deles. Essa é a grandeza: que nem todo o nosso mal pode eliminar essa abertura da alma de que você falava antes. Por quê? Porque essa abertura da alma é original, pertence à sua natureza humana, pois somos feitos abertos para o Infinito, somos feitos abertos para a realidade. Por isso, nada, absolutamente nada, pode impedir isso: só um movimento da nossa liberdade pode-nos deter, não porque temos essa incoerência em nós, mas porque dizemos não.

Depoimento. E isso é uma incoerência...

Carrón. Isso é uma decisão da liberdade. Com a incoerência, você pode dizer sim e pode dizer não. Os fariseus, que aparentemente eram mais coerentes, disseram não; e os publicanos, que eram incoerentes, disseram sim. Se você quer que Cristo lhe tire a liberdade, isso não é possível, essa é uma outra questão. Para nós, a objeção é a incoerência. A incoerência não é uma objeção, pois por trás da sua incoerência continua a existir a liberdade. Esse gesto de ternura de Jesus com Zaqueu perfurou a colcha de pecados e fez aparecer toda a sua estrutura original. Pense no bom ladrão: uma vida inteira, repleta de uma multidão de incoerências! Mas até o último instante pode acontecer um olhar como esse, que abre você de par em par. Isso pode acontecer em qualquer momento da nossa vida; toda a sua incoerência não pode impedir que alguém olhe para você dessa maneira e dê reinício à partida. Você pode dizer sim ou pode dizer não, mas isso não encerra a partida, porque um olhar assim, como no caso de Zaqueu, a reinicia; como no caso do bom ladrão, a reinicia; como no caso da Samaritana, a reinicia. A incoerência não é uma objeção. Se vocês quiserem buscar uma outra justificativa, podem procurar, mas a incoerência não é justificativa. Obrigado.

Depoimento. Como é possível que a tristeza deixe de ser mortificação e passe a ser sinal? Na minha experiência, a afeição a mim mesmo aparece como o ponto decisivo. E outra pergunta: por que, mesmo tendo encontrado Cristo, e tendo experimentado o Seu abraço e o Seu olhar, eu ainda continuo a me escandalizar com o sinal?

Carrón. Porque o olhar de Cristo ainda não penetrou em você, e não é o olhar com que você olha para si mesmo. Pois, como você viu pelo que dissemos antes, nós ficamos escandalizados com a nossa humanidade, e se estamos sozinhos nos escandalizamos com a tristeza, e esta não se torna sinal.

Mas, quando a pessoa encontrou Cristo, o que acontece? A pessoa começa a vislumbrar que essa sua humanidade pode encontrar uma resposta. Quando você encontrou Cristo, começou a vislumbrar isso ou não?

Depoimento. Sim.

Carrón. Justamente. Depois tem todo o caminho a percorrer, vive como os discípulos. João e André, desde o primeiro dia, começaram a vislumbrar isso, mas depois quantas vezes caíram? O Evangelho não nos poupa de nada: não nos poupa da negação de Pedro, não nos poupa da discussão sobre quem entre eles era o maior, não nos poupa de sua inveja uns dos outros... Todo o caminho, até o “tu me amas?”, no final, dirigido a Pedro. A Igreja faz o mesmo conosco hoje, jamais se escandaliza com a nossa humanidade, nos abraça sempre. E qual é a coisa mais bonita? É que, como testemunha o Evangelho, mesmo caindo outra vez e se escandalizando sempre, eles não podiam eliminar Jesus, que constantemente os abraçava, os reerguia, os acompanhava. Nós também, que voltamos sempre a cair, não podemos evitar que alguém continue a nos olhar assim. E pouco a pouco a pessoa começa a ficar mais contente pelo fato de essa Presença existir, em vez de se preocupar com seu escândalo. E essa Presença acaba por prevalecer: ainda bem que você existe, ó Cristo! Ainda bem que existe essa Presença, que, mesmo que eu erre continuamente, me reergue sempre; e a pessoa fica contente por existir, por existir essa Presença. É como acontece com a criança, que pode cair sem parar, mas lá está sempre sua mãe; pode errar, pode aprontar de tudo, e chora e sente todo o escândalo, todo o desnorteamento, mas o que é que a define? A alegria de que sua mãe está ali. Às vezes o Senhor nos deixa caminhar de acordo com um desígnio que nos parece misterioso, para que possamos entender: “Preste atenção, que Eu estou aqui”. Num belo dia, a pessoa começa a olhar para si mesma com esse olhar, com essa Presença, com a companhia dessa Presença. E já não se escandaliza.

Depoimento. No início do ano recebi o diagnóstico de um tumor maligno, e descobri o que é a verdadeira corrupção. Não apenas a corrupção moral, como a tristeza, a dor e a melancolia, mas também a fisicamente visível. Isso, porém, não foi fonte de escândalo para mim. Como os cegos, os aleijados e os mudos, eu gritei pedindo piedade a Cristo, ou seja, liguei de imediato para os meus amigos, para que me ajudassem nessa provação. O divino me salvou de verdade por intermédio do olhar dos meus amigos, que me acompanharam durante o tratamento, e pela gratuidade de me oferecer o apoio e a ajuda deles

mesmo depois de longos dias de trabalho, como era o caso de uma amiga minha, enfermeira, que vinha todos os dias me ajudar com as injeções. Ainda que o meu raciocínio não possa chegar a explicar isso, a minha experiência grita a Sua presença.

Carrón. Eu lhe agradeço muito, pois esse é o mais belo depoimento que recebemos. E vocês sabem por que ela ficou muito impressionada com o que dissemos hoje de manhã? Porque tinha mais necessidade que todos. E não é apenas um modo de dizer; tinha necessidade fisicamente! Não é verdade?

Depoimento. É.

Carrón. O que ela contou, portanto, testemunha que o que dissemos hoje de manhã é verdade. Que, quando a pessoa tem essa necessidade, real, não apenas não prevalece o escândalo, mas fica contente porque Cristo existe. E então pode entender, e nos revela quantas vezes nós, que dizemos que partimos da experiência, na realidade tomamos como ponto de partida uma experiência reduzida aos nossos pensamentos, à nossa imaginação, às nossas bobagens. Mas uma pessoa que tem uma necessidade verdadeira, real – como ela –, diz isso. E isso não fecha, mas abre ao reconhecimento do divino, pois, quanto mais a pessoa tem essa ferida, mais pode perceber a correspondência na resposta. Que impressionante, e que testemunho para todos nós esse que o Senhor nos concede, para que vejamos, bem diante dos nossos olhos, como, quando existe uma humanidade necessitada, e não apenas como modo de dizer, tudo é fácil. Obrigado, amiga.

Depoimento. Obrigada.

Depoimento. Hoje de manhã, você nos disse: só o divino pode salvar o humano, só Ele pode salvar, pode abraçar a minha humanidade, pode revelar-me quem eu sou. Ele, porém, é Deus, pode fazer isso; nós, comuns mortais, como é que lidamos com os outros?

Carrón. Os discípulos, Zaqueu, a Samaritana, o bom ladrão, com quem foi que se encontraram? Eles viram a Trindade? Viram Deus? O que foi que viram, o que encontraram?

Depoimento. Um homem.

Carrón. Um homem, um homem! Não se esqueça disso; não viram Deus, viram um homem e entenderam que naquele homem estava Deus. Mas o que viram era um homem. Pois o fato de o divino poder salvar, poder abraçar, poder revelar-me quem eu sou é normal, mas isso não é o cristianismo. O

cristianismo é que Deus se tornou homem, e a pessoa que olhava para aqueles homens e os fazia reconhecer sua humanidade era esse homem. Essa é a grande diferença, pois, se fosse apenas isso que você disse, que mistério haveria? Isso não é o cristianismo; o cristianismo é que Deus se fez homem e o divino se comunica por meio do olhar desse homem. Foi um olhar humano o que alcançou Zaquê, foi um olhar humano o que alcançou João e André, o que alcançou a Samaritana, e graças a isso eles entenderam que ali havia uma coisa do outro mundo neste mundo. Mas era um homem; aliás, foi apenas isso que ajudou todos os homens a entenderem quem era Deus, de um modo que todas as outras religiões que falavam de Deus não perceberam nem por sonho. Tanto assim que eu lhe faço um desafio: onde é que você encontra um olhar como o que encontra no Evangelho, em qualquer outra religião, quando fala do divino? Não vai encontrar. Foi até esse ponto que Deus se deu a reconhecer por intermédio daquele homem. Por isso, essa foi a grande novidade da história, e aqueles que se sentiram olhar desse jeito foram invadidos por esse olhar; mas aqueles que olharam para os outros como eles mesmos tinham sido olhados eram homens, tanto assim que esse olhar chegou até nós, e nos toca como no primeiro dia: mas quem é esse que olha assim? Não é que esses homens viram a Trindade; o que eles viram foram pessoas em que alguma coisa estava acontecendo, algo que podiam apalpar. Não eram visionários. Eram homens. Então, não é que nós sejamos Deus; o que acontece é que carregamos aquilo que recebemos, aquele olhar que nos invadiu, e não podemos deixar de olhar para os outros com a mesma ternura com que fomos olhados, reconhecendo toda a amplitude do desejo que os constitui, sem reduzi-los a mero instrumento de prazer ou de poder. Pois o Mistério quis compartilhar isso conosco (que somos pobres coitados) e nos moldou e nos tornou uma criatura nova; de forma que, com todos os nossos limites, não podemos evitar olhar assim, com alguma migalha daquilo que recebemos. Dá para entender? É por isso que esse olhar chegou até você, até a mim e até a nós; do contrário, nós nem sonharíamos ter visto uma coisa como essa. Mas é o divino que nos alcança por intermédio do humano. Está claro?

Depoimento. Sim

Depoimento. Hoje de manhã você leu o episódio do Evangelho de Jesus com os doentes. Você dizia que eles não precisavam censurar nada, pelo contrário; que a doença era o que os impelia a ir até Ele, e então Jesus os

curava. A princípio, eu aprendi a conviver com a minha tristeza; eu a aceito como um lado um pouco sombrio do meu caráter, da minha personalidade. Mas ultimamente, nestes últimos anos, graças ao trabalho de Escola de Comunidade, comecei a me levar mais a sério, e é verdade o que você diz: o meu sentimento de solidão se tornou um instrumento privilegiado para mendigar a presença de Cristo e para reconhecê-Lo presente. Mas a questão continua em aberto, porque Jesus curou aquelas pessoas. Já no meu caso... eu ainda experimento a dor da tristeza. Portanto, há duas possibilidades: ou o exemplo que você deu não é apropriado, porque, no fundo, curando-os, Jesus lhes tirou a doença, ou tem alguma coisa aí que eu não entendo. É na relação com Cristo que a necessidade, a doença é conduzida à sua finalidade, sem que seja preciso eliminá-la? E eu gostaria de entender também que experiência você faz dessa pacificação na tristeza.

Carrón. Nós pensamos que a cura é a eliminação da necessidade. Você imagina que, já que Ele curou os doentes, você ficará curada da sua tristeza se a tristeza for tirada de você. É ou não é?

Depoimento. Se me for tirada a dor. Não a necessidade d'Ele, que não me incomoda nem um pouco...

Carrón. Mas o que é a dor? É a necessidade d'Ele. Eu sempre me lembro do exemplo dos dez leprosos. Todos eles foram curados. A história parece terminar aí. Mas para um deles a cura não foi suficiente, porque a cura tinha uma finalidade, que era dizer a cada um deles: "Você não está sozinho, Eu estou aqui, cuidando de você". Jesus sabia que curar da doença não bastava, que não é isso que resolve o drama da vida. Como você mesma diz: é uma questão em aberto. Mas Jesus, por meio da cura, dando um jeito na doença das pessoas, queria nos ajudar a entender que não estávamos sozinhos, que existe algo mais decisivo que a doença, que é o nosso desejo de felicidade, e que Ele estava ali. E foi isso que o leproso que voltou testemunhou para sempre: a cura não lhe foi suficiente, e por isso a história não acabou; ele voltou porque sentiu toda a saudade de Jesus. Para os outros, a questão estava encerrada. E então o que aconteceu? Eles perderam o melhor, porque o melhor não era a cura, o melhor era Jesus. Porque, quando se levantaram na manhã seguinte e viram que já não estavam doentes, mesmo assim tinham toda a necessidade humana, a questão ainda estava em aberto. Jesus não veio para fechar a questão, mas para estar presente, para estar conosco, para se tornar nosso companheiro, para nos dizer que não estamos sozinhos com as nossas feridas

abertas. E tudo fica bonito, tudo fica diferente se você lança essa tristeza e essa melancolia no relacionamento com Ele. Se essa necessidade tivesse sido curada no leproso que voltou, ele não teria voltado; mas, dessa forma, teria perdido o melhor, porque o melhor era Ele. Dá para entender?

Depoimento. Sim, obrigada.

Carrón. Ainda bem que, como eu sempre digo, Cristo às vezes não responde segundo a nossa imagem, segundo a maneira como nós concebemos a solução... De fato, respondeu assim a alguns, aos outros nove respondeu em grande estilo, tirando a doença; mas apenas um se deu conta de que isso não bastava para responder a todo o seu desejo de plenitude. Pois esse desejo não se resolve como uma doença, se resolve num relacionamento, se resolve numa relação com Cristo! E por isso, se é um relacionamento, se é uma relação, será uma questão sempre em aberto (como espero que seja se você se apaixonar, pois, no dia em que estiver “curada” disso, significa que não se importa com o seu namorado, que não deseja encontrá-lo, que não se surpreende quando olha para ele, que não se comove diante do seu amor). Sem relação, você pode não ter uma doença, mas é uma pedra, e nem se comove. Jesus não veio para nos tornar pedras, mas para que vivamos essa aventura humana: quanto mais você O encontra, mais a dor desaparece, pois a dor é que Ele não esteja presente. Mas, se Ele está presente e eu posso reconhecê-Lo, posso ficar comovido sempre, qualquer que seja a situação.

Depoimento. Hoje de manhã, quando falava do olhar, você falou também do olhar de Giussani e de seu carisma, e disse que é o sinal da contemporaneidade de Cristo. Giussani o introduzia cada vez mais no olhar com que Jesus olhava para você. Assim, eu, se sou sincera, me dou conta de que reconheci esse olhar inexplicável na minha vida, muitas vezes. Mas há um momento em que parece que é como se houvesse uma lacuna, uma última resistência, não sei se provocada por uma dúvida que se insinua de repente, que leva esse olhar a se tornar menos excepcional, ou seja, um pouco menos único, e esse olhar vai-se alinhando com aqueles outros mil fatos, aqueles mil olhares únicos que eu tive na minha vida. E todos esses fatos se tornam quase anedotas, episódios nostálgicos e, como consequência mecânica de tudo isso, de repente a minha humanidade volta a ser uma fonte de escândalo e de aborrecimento para mim, e aí eu volto a ter medo de estar diante do meu limite. Por isso, eu lhe pergunto: o que ainda é preciso para que esse olhar e esse carisma que eu

encontrei possam me introduzir cada vez mais no olhar d'Ele e possam estar sempre presentes, aqui e agora, sem a possibilidade de ser eliminados?

Carrón. É preciso que você se mantenha diante desse olhar. Porque você, como me disse, encontrou esse olhar muitas vezes.

Depoimento. Sim.

Carrón. Então, se depois vem a névoa e começa a confusão, você pode usar uma arma, que se chama razão. Dá para entender? E você, diante dessas coisas, deve aderir e julgar se é verdade ou não, deve decidir. Se você diz que tudo fica obscuro, é porque tem de eliminar esses olhares que experimentou. Mas o que mais Jesus pode fazer por você, além de lhe ter sempre dado esses olhares, a ponto de você agora, mesmo em meio a essa dúvida de que me fala, não poder evitar reconhecer que esses olhares existiram?

Depoimento. Sim, mas eu não sei por que não consigo dizer sim.

Carrón. Exato, porque não é mecânico, porque vocês querem que seja algo que acontece sem vocês! Eu lhes garanto: não pode ser assim! Porque, como eu sempre digo, eu posso dar um presente a você, mas não posso também aceitá-lo em seu nome! Ao menos isso você precisa fazer. Jesus pode lhe dar toda essa avalanche de sinais, que você reconhece, mas não lhe tira a liberdade; aliás, nós pertencemos a um Movimento em que ouvimos que Jesus quer mais a nossa liberdade que a nossa salvação. Ou seja, não é que Ele nos deixe sozinhos, mas não impõe uma salvação mecânica que não passe pela sua liberdade; Ele vai esperar por você todo o tempo da vida, até que você decida, mas nunca o poupará da possibilidade de dizer sim ou de dizer não, pois isso não seria digno, não seria respeitoso com a sua humanidade, com a sua grandeza humana; e Ele tem uma preocupação tão grande de respeitar toda a nossa liberdade, toda a nossa grandeza, que não se impõe mecanicamente, mas nos solicita. Mendiga o nosso coração, nos dará todos os sinais de que precisamos, voltará a sorrir, mas jamais nos tirará a liberdade. É o que diz Dom Giussani: o cristianismo tem um inconveniente, exige homens verdadeiros, não robôs, não mecanismos, precisa de um eu (mesmo quando nós queremos sistemas tão perfeitos que nos poupem de sermos bons, como diz Eliot²⁶, que nos poupem a liberdade). Se quiserem uma outra solução, terão de procurar um outro lugar, numa outra religião, pois aqui Deus se fez homem para exaltar o homem, como

26 Cf. Eliot, T. S. "Coros de 'A Rocha'". In: *Poesia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 186.

nós vimos hoje; e tem tamanha estima pela grandeza do homem, que não o obriga: chama-o, solicita-o, atrai-o, lhe dá todos os sinais, mas não o poupa de dizer “eu”. Por isso, a questão está em aberto.

Depoimento. Hoje de manhã você falava do olhar de amor que nos é dirigido constantemente. Posso dizer que experimentei esse olhar ao longo da minha vida, em fatos e pessoas. O problema é que essa consciência da força de Cristo, que paira sobre mim, só existe em alguns momentos. Eu lhe pergunto como é possível que essa consciência, no meu dia a dia, no cotidiano, se transforme em algo que me tome totalmente, que seja sempre claro e sobre o qual eu possa basear cada instante do meu tempo. Pois, com essa consciência, eu poderia enfrentar tudo!

Carrón. A primeira coisa é que você se dê conta de que – mesmo que sejam apenas alguns momentos – você viu algo que é tão único, tão excepcional, que é o sinal da contemporaneidade de Cristo. E isso permanece. Depois, eu posso me esquecer pela minha fragilidade, posso cair, mas o que eu vi naquele momento, se entendi o que vi, permanece. Estou sendo claro? O que me interessa é que vocês entendam isto, pois grande parte da incerteza de vocês vem justamente daí: é como se vocês reduzissem algo que de fato entrou num momento determinado do tempo, é verdade, mas que é tão único, tão excepcional, que é um outro mundo neste mundo, que é o divino na história, que é a contemporaneidade de Cristo. E essa é a primeira coisa da qual precisamos nos dar conta: de que isso é um juízo e por isso permanece, ainda que eu é que não me mantenha firme. Dá para entender? E eu fico contente pelo fato de Ele permanecer, ainda que eu mesmo depois não me sustente; porque é diferente quando eu tenho essa certeza de juízo de que Ele permanece. Além do mais, Ele não entrou simplesmente naqueles momentos, mas permanece, permanece como um fato na história, para você, para que possa cada vez mais se tornar familiar e cada vez mais alcançar um lugar de destaque; e isso é um caminho. Isso se torna cotidiano porque você, cada vez que Ele se faz presente, O reconhece de novo, e isso desperta em você sempre mais o desejo de reconhecê-Lo novamente. E quando isso lhe falta, porque você sente saudade ou sente que tem algo que não é como aquilo que experimentou, a memória d’Ele se torna urgente para você, como a da pessoa amada. E assim, pouco a pouco, Cristo se torna, não em alguns momentos, mas cada vez mais, uma companhia coti-

diana para a vida. Mas isso acontece de acordo com um caminho humano, segundo toda a dinâmica da construção de uma relação humana, entende?

Depoimento. Portanto, o problema é uma memória no cotidiano.

Carrón. É uma memória. O problema é uma memória. E é por isso que eu digo: se você empregar toda a sua necessidade, esse será o recurso. Depois que você encontrou Cristo, a saudade e a solidão – que são como sintomas de que algo lhe falta – se transformam no recurso que você pode empregar para fazer memória de Cristo, que o impele a buscá-Lo. E assim, sem se escandalizar por ter-se esquecido, mas usando tudo isso como recurso, essa sua tristeza transforma-se de certa forma no instrumento para se lembrar d’Ele. Então, em vez de ser uma maldição, todo essa minha humanidade se torna uma bênção. Por quê? Porque tudo me fala d’Ele, porque tudo me remete a Ele, porque tudo é oportunidade para ter saudade d’Ele.

Depoimento. Hoje de manhã, você nos perguntou se Cristo para nós é um homem presente hoje, ou seja, agora, neste momento, ou um homem que esteve presente há dois mil anos. Eu reconheço que Cristo está presente no meio de nós todos os dias, e portanto espero que um sentimento de letícia pela presença de Cristo saia vitorioso em mim. Só que, depois, eu tenho a tristeza e a insatisfação, que são sintomas da humanidade de que falamos hoje de manhã, que conseguem prevalecer mesmo em relação à presença d’Ele. Por que isso acontece?

Carrón. Então, o que é que prevalece?

Depoimento. A tristeza?

Carrón. O fato de essa tristeza existir não significa que vença e possa apagar a Presença que encheu você de letícia. A Presença existe. Imagine Pedro e João, quando ficavam tristes; Cristo não existia? Não O haviam encontrado? Quem é que venceu? O sentimento passageiro triste ou aquela Presença que se impunha diante de seus olhos? Essa é a questão. Pois nós muitas vezes pensamos que, já que todas essas coisas acontecem, a vitória é delas; mas a questão é se essa Presença é um fato tão real, que a vida seja repleta de letícia. Pois sem isso eu não teria podido reconhecê-Lo. E você me diz que O reconhece. Então venceu! Mesmo nos momentos de tristeza. O problema é que para vocês essas duas coisas parecem incompatíveis...

Depoimento. Sim, é verdade.

Carrón. É, sim. O fato de você estar triste neste momento não significa que

Ele não existe, entende? Você fica contente por Ele existir; mas pensa: “Se essa Presença existe, significa que deve apagar todo o resto”. Mas não é verdade. A tristeza acontece porque, assim, eu percebo mais a graça que é a Sua presença.

Depoimento. Obrigado.

Depoimento. Sempre procurei ser leal com a minha tristeza. O problema com que me deparo hoje é que não vejo uma mudança; fiquei impressionado com o que você dizia hoje, sobre o fato de nós não percebermos os sinais da Sua presença, e de não os percebermos não porque não podemos, mas porque não queremos. Eu não consigo entender bem o que você quer dizer com isso, pois tenho efetivamente muita dificuldade para perceber esses sinais, e gostaria de compreender o que você entende por hipocrisia.

Carrón. Cada um precisa entender o que eu dizia dentro da sua vida. Se você não vê os sinais porque não existem, é uma coisa; nesse caso, não existe hipocrisia. O problema é que Jesus falava diante de pessoas que tinham uma avalanche de sinais à sua frente (você, pessoalmente, saberá responder se tem essa avalanche de sinais à sua frente ou não). Não é que somos tolos; sabemos interpretar os sinais muito bem, e os sinais nos remetem para outra coisa. Da nuvem, logo chegamos à certeza de que está para vir chuva. E Jesus diz: “Vocês têm aqui mais sinais que uma nuvem. Então são hipócritas, porque resistem a reconhecer esses sinais e, portanto, a extrair todas as consequências desses sinais, porque esses sinais são o sinal de quem sou Eu, porque todos esses sinais são a expressão do meu Eu, a expressão do que sou Eu”. Você é que terá de ver. Eu não estou fazendo um juízo sobre você; cada um precisará julgar lealmente se não viu nenhum sinal (então, não é hipócrita), ou se está diante desses sinais e mesmo assim resiste ao que vê (então, é hipócrita).

Depoimento. Entendi, obrigado.

Depoimento. Hoje de manhã, você nos disse que a fé é uma inteligência nova sobre a realidade, é uma inteligência sobre a experiência. Eu gostaria de saber como surge essa inteligência; é uma consequência natural do reconhecimento dessa alteridade, desse Mistério e dessa impossibilidade de explicação que são a realidade?

Carrón. O que Dom Giussani diz é muito simples. Como vimos nos testemunhos que lemos hoje de manhã, muitos de vocês estão aqui porque viram dentro da realidade algo que a sua inteligência teve de reconhecer, algo

diferente. E isso desencadeou toda a sua curiosidade para explicar o que é toda essa diferença. E dissemos: se apagarmos essa origem última, seremos obrigados a apagar algo da nossa experiência. E como é que percebemos essa origem última, aquilo que está dentro da experiência? Nós o percebemos empregando aquilo a que chamamos fé, pois a fé é essa inteligência nova sobre a realidade. Essa Presença tem a capacidade de ampliar tão fortemente a nossa razão, de nos abrir com tanta força, que nos permite perceber o que existe dentro dela. Vendo o quanto você ama uma pessoa e que comoção isso introduz em você, você vê que existe algo ali que o abre para procurar entender uma coisa que você não vê, mas que não pode eliminar da experiência. Não é que você consiga apalpar isso; o que você toca são os sinais. Se você nega que existe isso, se você nega que a sua mãe o ama, é obrigado a eliminar algo da sua experiência. Crer que sua mãe o ama é uma inteligência nova sobre a realidade. Esse é um exemplo para nos ajudar a entender que, quando fazemos isso, estamos reconhecendo algo dentro da nossa experiência: realmente, se não crermos que a nossa mãe nos ama, teremos de eliminar alguma coisa. É uma analogia para nos ajudar a entender que a fé tem essa dinâmica, que nós encontramos algo dentro da nossa experiência que, para não negá-la, somos obrigados a reconhecer. E a isso chamamos “graça da fé”, pois você não poderia reconhecer isso sem a presença de Cristo, sem a presença de algo em sua experiência que abra de par em par. Você não poderia aderir ao significado verdadeiro da realidade se Ele não estivesse tão presente a ponto de escancarar toda a sua capacidade de inteligência. Assim, você faz o gesto mais razoável que pode existir: reconhecê-Lo. Não é preciso nenhum tipo de visão; é preciso que sejamos leais até o fundo com essa experiência. Por isso, tudo é apostado nessa lealdade com a experiência que fazemos, nessa rendição diante da abertura total da minha razão, da minha inteligência, da minha capacidade de perceber o que existe dentro das coisas, e que eu não poderia perceber se não houvesse uma Presença tão fascinante, tão imponente. Isso é a fé. E ninguém diz que crer que sua mãe o ama não é razoável, pois é uma inteligência, um entendimento pleno da sua experiência.

A fé é uma inteligência plena da experiência do encontro com uma humanidade diferente, com uma excepcionalidade que facilita o seu reconhecimento. Como vocês veem, temos um grande caminho a percorrer; mas nesse caminho somos companhia uns para os outros.

6 de dezembro, manhã

O olhar de que falamos ontem é o olhar que a Igreja dirige a cada um de seus filhos neste tempo de Advento, com uma ternura ilimitada, com um abraço sem fronteiras, para que cada um de nós possa sentir sobre si toda a comoção com que o Mistério olha para a nossa vida, num olhar do qual nada é excluído, nem mesmo as coisas que nós quase não somos capazes de olhar. É o que faz a Igreja no canto *Rorate*, invocando o Senhor.

Ne irascaris Domine, ne ultra memineris iniquitatis: não te enfureças, não te encolerizes conosco, não te detende em nossa iniquidade; *ecce, civitas sancti facta est deserta, Sion deserta facta est, Jerusalem desolata est*. Não há medo algum de usar as palavras que descrevem a situação: uma cidade deserta, desolada, uma cidade que existia para santificar a Sua glória, para louvar a Deus, como tinham feito seus pais. Mas essa cidade está deserta. Por quê? *Peccavimus*, nada é excluído desse olhar; *facti sumus tamquam immundus nos*, tornamo-nos sujos. Por quê? Porque cedemos, *cecidimus quasi folium universi*, porque nos deixamos arrastar como folhas no outono, *et iniquitates nostrae, quasi ventus, abstulerunt nos*, os nossos pecados nos levaram de um lado para o outro como o vento; escondeste a Tua face e abandonaste-nos às nossas iniquidades. O que podemos ter feito, que não entre nessa descrição? O que podemos apresentar como objeção a esse abraço, a esse realismo sobre a vida de cada um? O que devemos manter trancado no armário, em que um olhar como esse não pode penetrar? De que nos devemos defender? A Igreja não tem medo de nada, nem do deserto, nem do mal, nem do fato de cedermos, nem do fato de sermos arrastados como folhas ao vento, e põe tudo isso à nossa frente. *Vide, Domine, afflictionem populi tui*, vede a nossa aflição, o peso que carregamos com tudo isso, *et mitte quem missurus est: emitte Agnum dominatorem terrae*, e envia Aquele que estás para enviar, o Cordeiro, que é o Senhor; envia-o para me consolar! *Consolamini, consolamini popule meus: cito veniet salus tua*, chegará, está para chegar logo essa tua salvação; *quare moerore consumeris*, por que nos consumimos na amargura de nosso mal, de tudo o que não está em ordem? Consumir-se. De que é que temos medo? *Salvabo te*, eu te salvarei, *noli timere*, não tenhas medo. Pois *ego, enim, sum Dominus Deus tuus*, eu sou o Senhor teu Deus, *Sanctus Israel, Redemptor tuus*, o teu Redentor.

Amigos, esse é o olhar com que Deus, por intermédio de Seu corpo, que é a Igreja, por intermédio de um olhar humano, olha hoje para cada um de nós. Por isso, não há nada, nada mesmo, que seja excluído desse abraço, nada que seja deixado de fora; não há mal que nos pese, não há situação que nos agrida que não seja abraçada. Nenhum mal, nenhuma dificuldade, nenhuma circunstância, nenhum pecado; se é assim, quem é que pode sentir-se excluído desse abraço cheio de ternura, desse olhar cheio de afeição? Como eu gostaria de abraçá-los um por um, para poder comunicar-lhes essa comoção com que o Mistério nos olha, nos abraça, para trazer essa comoção até nós, porque esse é o Mistério que nós conhecemos, e é tão diferente, amigos, tão diferente, que é somente divino, pois ninguém nem de longe pensa numa coisa dessas, é impossível gerar uma coisa assim a partir de um homem!

Dá para entender, então, por que, a certa altura, Jesus afirma: “Felizes os olhos que veem o que vós vedes! Pois eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que estais vendo, e não puderam ver; quiseram ouvir o que estais ouvindo, e não puderam ouvir”²⁷. Essa é a alegria que percorre todo o Evangelho, pois muitos no mundo gostariam de sentir uma coisa assim.

É dessa contemporaneidade de Cristo que precisamos; por isso, o Cartaz de Natal é o olhar com que nos devemos olhar, trazendo às costas o mal-estar que cada um de nós carrega consigo: “Agora, com estes músculos que não se aguentam, com este cansaço, com esta tendência para a melancolia, com este masoquismo estranho que a vida de hoje tende a favorecer ou com esta indiferença e este cinismo que a vida de hoje torna necessários, como remédio, para não ter de suportar um mal-estar excessivo e não desejado, como é possível aceitar-se a si próprio e aos outros em nome de um discurso? O amor a si próprio não se sustenta sem que Cristo seja uma presença como é uma presença uma mãe para o filho. Sem que Cristo seja presença agora – agora! –, eu não me posso amar a mim agora e não te posso amar a ti agora”²⁸.

Essa é a única possibilidade que temos de nos amar agora, de nos abraçar agora: reconhecer a Sua presença neste momento. Não é necessária nenhuma capacidade particular, não é necessária nenhuma coerência particular, não é necessária nenhuma energia: basta nos deixarmos abraçar agora, basta reconhecê-Lo presente agora. E, como eu dizia antes, é tão evidente que Ele está presente agora, pela diversidade desse olhar, que, de um lado, isso nos leva a experimen-

27 Lc 10,23-24.

28 Giussani, L. *Qui e ora* (1984-1985), cit., pp. 76-77.

tar um alívio infinito, um fôlego único, e, de outro, quase uma resistência, de tanto que é diferente, de tanto que não é gerado por nós, de tanto que é outro, de tanto que é divino. Pois nós temos sempre esta dúvida difícil: existe mesmo ou somos nós que O inventamos? A fé é criação ou reconhecimento? Avaliem vocês, procurem imaginar se passa pela sua cabeça uma coisa como essa, que é o sinal de Deus presente, o sinal de que Deus ainda tem piedade de nós... O Movimento nos oferece esse instrumento que é o Cartaz, para nos ajudar a não esquecer que, da mesma forma como não existe mapa sem a América, não existe realidade – seja qual for o momento que eu passo, seja qual for a aridez que eu experimento, seja qual for a distância que eu sinto, seja qual for o mal que me consome, seja qual for a dor que eu trago comigo –, não existe realidade em que essa Presença não esteja. Não somos nós que decidimos isso; podemos não O reconhecer, mas não está entre as nossas capacidades eliminá-Lo.

Vejam um trecho de um diálogo de Dom Giussani com os universitários: “*Depoimento*: A marca que o Cartaz deixou em nós é uma pergunta, uma posição determinada por uma pergunta pessoal: não a obviedade de ter feito um trabalho e de já ter entendido, de já ter assimilado na nossa experiência e deixado para trás mais essa proposta; ao contrário, é encontrar o Cartaz à nossa frente, como conteúdo de uma pergunta, e não deixado para trás. *Giussani*: Perdoem-me se tomo a liberdade de interromper; esta imagem é uma deixa muito bonita: ‘O Cartaz à nossa frente e não deixado para trás.’ Veio à nossa frente! Normalmente, as coisas vêm à nossa frente, nós as estudamos, pouco ou muito que seja, e depois as deixamos para trás, como se já as tivéssemos adquirido [é assim que nós trituramos os textos, e depois ficamos à espera do texto seguinte, de uma nova palavra de ordem, de um novo pensamento, de uma nova genialidade, porque já estamos fartos e precisamos mudar]. Isso significa que essas coisas nunca são uma verdade, pois a verdade está sempre à frente, sempre. É como o Cartaz, que está sempre à frente. Uma coisa é verdade quando está sempre à frente. A tragédia no Movimento são aquelas pessoas (atenção, por favor, porque vocês são os mais dispostos a este erro) que já sabem o que o Movimento diz. O Movimento, para quem é assim, nunca foi uma verdade, entendem? Nem que a pessoa seja o reitor magnífico da universidade de Tolentino! Esta é uma imagem bonita demais: ‘O Cartaz à nossa frente.’ Eu interrompi, tomei a liberdade de interromper, para sublinhar que [...] a verdade está sempre à frente. Essa observação é a confirmação da famosa frase que eu repito pela centésima segunda vez em um ano: ‘Raramente os

homens entendem o que creem já saber'. Não chegam nem a entender o que creem já saber! Ontem, quando falava no Dia de Fim de Ano dos adultos de Milão, fiquei impressionado quando me lembrei deste pensamento: a verdade, uma coisa verdadeira, quanto mais você a ouve e olha para ela, mais nova é. Essa é a característica da verdade. Quando alguém diz: 'Esse negócio aqui eu já ouvi', é porque nunca o entendeu, ou porque aquilo não é verdadeiro"²⁹.

Portanto, amigos, nada é obstáculo. É por isso, pelo fato de Ele estar à nossa frente, que a Igreja, neste tempo de Advento, espera. Porque o tempo de Advento, como disse o Papa, é o tempo da espera. E por que é que esperamos? Porque Ele existe. Nós muitas vezes damos a espera por algo óbvio, mas há muita gente que não espera nada, e, quanto mais os anos passam, mais difícil é encontrar alguém que espere alguma coisa. Experimentem ver quantos adultos de quarenta anos vocês conhecem que não sejam céticos, e talvez comecem a entender que esperar não é óbvio. E então por que a Igreja, que tem muito mais anos que quarenta – tem dois mil! –, continua a esperar? Por que a Igreja continua a celebrar este tempo? Por que não desistiu de esperar? Não consideremos isso óbvio, amigos, não é óbvio: dois mil anos, isso é um fato! Avaliem vocês. Pois o fato de alguém esperar é o sinal de que existe alguém que nos desperta sempre a espera.

O Papa disse: "A esperança marca o caminho da humanidade, mas para os cristãos ela é animada por uma certeza: o Senhor está presente no fluxo da nossa vida, acompanha-nos"³⁰. Nós podemos esperar graças à certeza de um presente – belíssimo! Como temos estudado, meditando sobre a esperança na Escola de Comunidade, o tempo se transforma numa outra coisa: "Se o tempo não for preenchido por um presente dotado de sentido, a espera corre o risco de se tornar insuportável; se se espera algo, mas neste momento não há nada, ou seja, se o presente permanece vazio, cada instante que passa parece exageradamente longo, e a expectativa transforma-se num peso demasiado grave, porque o futuro permanece totalmente incerto. Ao contrário, quando o tempo é dotado de sentido, e em cada instante compreendemos algo de específico e de válido, então a alegria da espera torna o presente mais precioso. [...] E, se Jesus está presente, já não existe tempo algum sem sentido e vazio. Se Ele está presente, podemos continuar a esperar mesmo quando os outros já não conseguem garantir-nos qualquer apoio,

29 Id., *ibid.*, pp. 279-280.

30 Bento XVI. Celebração das Vésperas do 1º Domingo do Advento, 28 de novembro de 2009.

até quando o presente se torna cansativo. Queridos amigos, o Advento é o tempo da presença e da espera do eterno. Precisamente por esta razão é, de modo particular, o tempo da alegria, [...] que nenhum sofrimento pode anular. A alegria pelo fato de que Deus se fez Menino. Esta alegria, invisivelmente presente em nós, encoraja-nos a caminhar com confiança”³¹; portanto, o que domina a vida é essa Presença, esse Tu que torna a vida diferente.

Escreve Dom Giussani neste texto clamoroso: “Jamais devemos renunciar ao fato de que existe um homem que nasceu de uma mulher há dois mil anos e que está presente na nossa vida e nos ama. E esse homem é Deus. [...] A partir do momento em que o reconheço, não desejo mais nada, isso é tudo. O *Tu* é que tem valor e, a partir do momento em que o reconheço, nada mais importa. Eu sou um pobre, pobre coitado, avarento, ignorante, desleal, traidor. A partir do momento em que Te reconheço, em que digo ‘Tu’, nada mais tem valor, todo o resto desaparece. [...] ‘Tudo isso jamais existiu, só Ele é’. Não é uma mentira. É isso, dá para entender? Mas aceitar dizer essa frase significa justamente mudar de pele, significa mudar de mentalidade; melhor ainda, significa mudar de concepção da vida. Para a concepção [...] são necessários sempre dois parceiros (não é possível conceber sozinho, exceto nos extratos inferiores da vida). Por isso, é com uma Presença que você pode conceber: reconhecendo essa Presença, você concebe as coisas de um modo diferente e, se diz ‘Tu’, o resto não interessa mais. [...] *Tu*. *Tu* é algo que se diz com o dedo indicador voltado, o olhar voltado e o coração voltado, a mente voltada para uma Presença, para uma realidade presente; para uma realidade presente, dirigindo-se à qual – não sendo um pedaço de madeira, não sendo um pedaço de rocha, não sendo nem mesmo uma estrela, mas sendo uma pessoa – a única palavra que você pode usar é *Tu*. O problema é que com todos os nossos discursos procuramos o máximo possível esconder a força totalizante, o valor totalizante que tem esse *Tu*. Dizemos ‘Tu’ como se disséssemos – sei lá – ‘presunto!’ ‘Tu, presunto.’ E, enquanto você diz isso, esse Tu é cortado fora, cortado fora para se tornar o mais tênue possível, para ser posto de lado o máximo possível, para nisso roubar. Nós dizemos ‘Tu’ procurando roubar, ao passo que o *Tu* é tudo. De fato, a alternativa a esse *Tu* não são outras coisas, mas é o nada; a alternativa a esse *Tu* é o nada, é coisa nenhuma. Quando mais, ao dizer ‘Tu’, procura-

31 Id., *ibid.*

mos salvaguardar alguma capacidade nossa, algum valor nosso, procuramos desculpar nossos defeitos – é como se disséssemos: ‘Tu, porém..., Tu, porém...’ –, quanto mais fazemos isso, mais blasfemamos, mais falamos mal de Deus. [...] Ele nos pode deixar fracos o quanto quiser, pode deixar que sejamos o que somos o quanto quiser, mas fora d’Ele só existe o nada, o nada suspenso, por uma ilusão de óptica, à poeira atmosférica; e como isso se chama? Aparência [...], que da aurora até a noite se derrama e desaparece como o orvalho, como o orvalho da manhã. [...] E, para dizer com pudor e verdade a palavra amar, talvez seja justo substituí-la pela palavra espera. A espera tem em seu âmago o amor, porque é ‘tender para’, mas é um tender que espera sem fixar nem prazos nem formas”³².

Você quer dizer à pessoa amada que lhe quer bem, ou quer que uma máquina qualquer o diga em seu lugar? Muito obrigado, mas eu não quero ser poupado disso. Eu quero dizer Tu a Cristo, todos os dias. E o instante tem essa densidade por dentro, que é poder dizer Tu a Cristo, sempre de novo, como algo que acontece agora, essa graça pela qual Ele me toma, me tira da distração, torna presente a Si mesmo, e eu, tão comovido por esse movimento do Mistério para comigo, posso dizer: “Tu, Cristo. Tu, Cristo”.

E isso é possível graças à afeição que o Natal introduziu na história. “O Natal é a festa da afeição, da afeição de Deus ao homem”³³, justamente por poder despertar essa afeição no homem, pois, se não desperta essa afeição em nós, nós somos como uma mina flutuante, como folhas arrastadas pelo vento, arrastadas pela nossa estupidez. Que ternura!

Por isso, desejo-lhes para este tempo que “tornem preferência humana a presença de Cristo”³⁴. Que cada vez mais a presença d’Ele seja uma preferência humana que os tome totalmente, que os tome desde as entranhas, até que vocês Lhe digam, comovidos e gratos: “Tu”.

32 Giussani, L. *L'attrattiva Gesù*. Milão: Bur, 1999, pp. 223-225.

33 Giussani, L. “Natale la tenerezza di Dio”. In: *Tracce-Litterae Communionis*, nº 12, dezembro de 1991, pp. 31-34.

34 Giussani, L. *Affezione e dimora*, cit., p. 96.

INTRODUÇÃO

4 de dezembro, noite 3

PALESTRA

5 de dezembro, manhã 10

ASSEMBLEIA

5 de dezembro, tarde 26

SÍNTESE

6 de dezembro, manhã 41

Uma publicação de Sociedade *Litterae Communionis* - Revista Passos
Jornalista Responsável: Isabella Santana Alberto - MTB 56.802
Tradução: Durval Cordas
Diagramação: Urbania
Impressão: Gráfica Neoband

